

# **O CERCO E INVASÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA EM 22 DE AGOSTO DE 1932 PELAS TROPAS DO INTERVENTOR FEDERAL JURACY MONTENEGRO MAGALHÃES**

**Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto**

Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, Salvador, Bahia, Brasil

## **Parte I**

**Prelúdio de tempestade. Nuvens plúmbeas, prenhes de despotismo e belicosidade, avançam céleres para amortilhar com lutuoso sudário a cintilante e deslumbrante abóbada do Olimpo, que envolvia a Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, protegida e consagrada pelos deuses helênicos da Medicina, onde ressoavam suaves e celestialmente harmoniosos e agradáveis sucessões de sons de acordes de harpas, flautas de pan e coros de musas desnudas.**

**Sábado, 09 de julho de 1932** – Naquele dia, começou em São Paulo a chamada “Revolução Constitucionalista”, movimento armado que reclamava a pronta constitucionalização do País objetivando a derrubada do governo provisório de Getúlio Vargas e a instalação de um regime democrático após a extinção da Constituição de 1891 pela Revolução de 1930.

Contando inicialmente com o apoio de outros Estados, - Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Sul de Mato Grosso, - o levante militar paulista, com forças chefiadas pelo general Bertholdo Klinger, lutou bravamente em três amplas frentes: o Vale da Paraíba, o Sul Paulista e o Leste Paulista.

As novas exibidas em destaque nas gazetas do País davam conta do intenso movimento de tropas e de pesados armamentos, incluindo tanques, aeroplanos e vasos de guerra. A população brasileira quedava-se alarmada e dominada por sentimento de viva inquietação e temor ante as notícias veiculadas pelas gazetas e rádios, que narravam batalhas sangrentas, atos de heroísmo, estatística de baixas dos efetivos militares por mortes, feridos e prisioneiros.

Tantíssimas eram as notícias alarmantes, de formidanda e crudelíssima realidade, que faziam prever a eclosão, no solo brasileiro, de sangrentas batalhas comparáveis, mantidas as precisas proporções, às da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial tais como Somme, Verdun, Marne, Champagne, Tanenberg, Flandres, Ypres, Amiens, Dardanellos, Gallipoli e outras.

A Revolução Constitucionalista de 1932, ou Revolução de 32 ou Guerra Paulista foi sufocado em 2 de outubro de 1932, na cidade de Cruzeiro, pelas tropas do general Góes Monteiro, surgindo, como consequência, o processo de democratização, com a realização de eleições nacionais em 3 de maio de 1933 para a Assembléia Constituinte Nacional, quando pela vez primeira o sexo feminino teve o direito de votar.

## **PRENÚNCIOS DOS SUCESSOS DE DESVENTURA E AFLIÇÃO NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA**

Em 18 de julho de 1932, decolou uma esquadrilha do campo dos “Affonsos”, cumprindo ordens do Estado Maior do Exército, uma esquadrilha de bombardeio, comboiada por outra de caça para atingir determinados objetivos militares – campo de concentração das tropas adversárias e os meios de comunicações da retaguarda com as linhas de frente.

No dia seguinte, 19, o paquete italiano “Capacita”, procedente da Europa, com um carregamento de 25.000 galões de gasolina soviética, pretendia atracar no porto de Santos, com a sua preciosa mercadoria.

Os revolucionários tudo fizeram para conseguir a atracação do navio.

A esquadilha naval, que assegurava o encerramento daquele porto, fez afastar o referido paquete, impedindo-lhe a entrada na barra de Santos.

**Terça-feira, 26 de julho** – O almirante Protógenes Guimarães, ministro da Marinha, permitiu que um vapor japonês entrasse no porto de Santos, afim de desembarcar ali 700 imigrantes que se destinavam a trabalhar.

**Sexta-feira, 29 de julho** - Chegou a Varginha o trem hospital que há dois dias partiu de Belo Horizonte com destino ao “front” de operações, completamente aparelhado para socorrer os feridos em combate.

Na semana anterior à segunda-feira, 15 de agosto, no sul do País, a cidade de Cruzeiro era grande zona de operação militar. Um decreto do governo da Bahia comissionava vários oficiais. Nossos soldados reafirmavam sua fé no Senhor do Bonfim.

Trágico episódio da artilharia na região do Túnel. Mais tropa nortista, no porto, rumo ao Sul. Favores aos funcionários que desejam lutar. Reinava a paz em todo território de Minas Gerais.

Tomada da vila de Guapiara, 200 baixas paulistas feitas pela artilharia dentro de uma gruta na região do Túnel.

Morreu no “front” da luta fratricida, o comandante do 29.º B. C., o tenente-coronel Alfredo Lucio Ferreira.

Cenário sangrento ! Seguiram tropas baianas para o “setor” do Túnel !

Confirmava a “Dictadura” suas últimas vitórias militares.

Rádios paulistas captadas.

O Governo do Estado, no Campo dos Barris, preparava novos soldados para a “lucta”.

Partiram do Rio Grande do Sul outros comboios repletos de tropas.

O general Waldemar Lima queria tomar, a “todo transe”, a cidade de Itapetininga, em cujas imediações lutava-se desesperadamente.

Artilharia pesada em todo setor do Leste.

**Sábado, 13 de agosto de 1932** – Às 10 horas, em memorável sessão no histórico e magnífico “Anfiteatro” Alfredo Britto, jóia arquitetônica da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, congregaram-se os distintos acadêmicos baianos, com a presença de numerosos “alunos” do glorioso “Gymnasio da Bahia”. Presidiu a seleta assembléia o professor Adolpho Diniz Gonçalves, que proferiu breves palavras, quando historiou os pródromos da atual luta fratricida. Em seguida falou, ovacionado, o professor Aloysio de Carvalho Filho dirigiu-se aos moços, lançando um apelo para que não desertassem da atitude por eles nobremente assumida, concedendo, ao

depois, a palavra aos acadêmicos Emilio Diniz, Aloysio Netto, Portella Filho e Demosthenes Berbert, os quais, em nome dos discentes das Faculdades de Medicina, Engenharia e Direito, ratificaram o apoio dos seus colegas, pela causa que os reunia na luta pelo regime legal.

O estudante Emílio Diniz reiterou a sua irrestrita solidariedade aos colegas na sua luta pela reconstitucionalização imediata do País, em discurso pleno de vibração e entusiasmo, tão próprio da mocidade, sendo longa e calorosamente aplaudido.

Ao depois, orou o acadêmico Aloysio Netto, que leu uma bem preparada e substanciosa oração, quando recordou as gloriosas e imorredouras tradições da classe acadêmica baiana, pleiade de moços dessasombrados, concitando-os a que não deslustrassem, na hora presente, essas mesmas tradições.

Em seguida, fez uso da palavra pelos alunos de engenharia ali presentes, o acadêmico Sindoro de Souza, que hipotecou, também, o seu apoio e o dos colegas à causa pelos estudantes da Bahia.

Falaram, ainda, os acadêmicos Hermes Tavares, Pedro Bomfim e Isnard Duarte.

A preleção do Dr. Jayme Junqueira Ayres foi assaz aplaudida. O jovem mestre de direito, analisou, com fartura de argumentos, e robustecido na coerência de raciocínio dos sucessos, a periclitante ocasião através da qual atravessava o País. Foi um pronunciamento entusiástico, porém pleno de reflexão e prudência, onde exibiu estilo e subida erudição, patriotismo e livre de sujeição.

Em seguida, fez uso da palavra o digno e sábio professor Aristides Novis, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, enaltecendo a postura ordeira e disciplinada sempre conservada pelos moços nas reuniões já levadas a efeito, além de tecer subidos encômios à tradição liberal daquela egrégia e propecta instituição de ensino médico.

Finalmente, ardorosamente aplaudido pelos acadêmicos, orou, concluindo o “meeting”, o professor Aloysio de Carvalho Filho, que discorreu do seu júbilo pelos momentos de forte entusiasmo cívico que os moços da Bahia lhes ofereceu naqueles tensos dias, resumindo, consoante os ensinamentos de Clovis Bevilacqua, todas as aspirações nacionais na lei, na liberdade e na justiça.

A sessão foi encerrada pelo professor Adolpho Diniz Gonçalves.

**Segunda-feira, 15 de agosto** - Muito embora não houvesse, aparentemente, ligação nem apoio ao “uprising” constitucionalista de São Paulo, os “alunos do Gymnasio da Bahia” iniciaram movimento de parede na segunda-feira do dia 15 de agosto de 1932. Participaram do movimento grevista os estudantes da 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> séries, por meio do qual a mocidade estudantil protestava contra a determinação da feitura de provas “parciaes” exigidas naquela época do ano pela novel lei que reformou o ensino.

Pelas suas proporções e gravidade, o professor Gelasio de Abreu Farias, diretor daquele respeitável e histórico estabelecimento de ensino, solicitou providências e garantias ao Secretário do Interior e a Diretoria de Instrução e o Fiscal do Governo Federal, que marcaram para o dia 18 as provas parciais.

Em razão do equívoco do dispositivo legal, referente àquelas ditas provas exigidas para aquela época do ano, os alunos recusaram-se às mesmas submeter-se, com a justificativa, procedentemente, que só tardiamente foram cientificados da exigência legal, tomando, destarte a briosa mocidade posição decidida contra a deliberação da diretoria daquele instituto.

Às 10 horas da manhã da quarta-feira, 17, atendendo convite da diretoria do estabelecimento, ali esteve o Conselheiro Corrêa de Menezes, Secretário do Interior, Justiça, Instrução, Saúde e Assistência Pública que, surpreendendo os alunos naquela proposta, disse-lhes e enfatizou a desrazão do movimento paredista e advertindo a mocidade de que o Governo não vacilaria em manter a disciplina e garantir a ação do diretor e professores do "Gymnasio", na observância e cumprimento das suas funções, ao tempo em que assegurava as medidas necessárias aos estudantes que quisessem submeter às provas "parciaes"

Agravou-se o sucesso, quando o respectivo encarregado trazia a chave para abrir a porta principal do instituto de ensino e um grupo de alunos tomou-a, desaparecendo com ela, além do desvio de cadernetas e outros papéis da secretaria do "Gymnasio".

Resolveu o Conselheiro Corrêa de Menezes nomear comissão composta dos Drs. Aggripino Barbosa, diretor da Instrução, Deraldo Dias Moraes e Francisco Prisco de Souza Paraiso, afim de abrir inquérito para apurar as irregularidades havidas no "Gymnasio" da Bahia naquela manhã.

Fizeram uso da palavra, em seguida, os estudantes Wanderlino Nogueira e Magnavita, manifestando-se contrários às provas e comprometendo-se a não hostilizar os colegas que agissem de modo contrário.

Na quinta-feira, 18 de agosto, à 14 horas, uma grande comissão de alunos em greve pacífica do "Gymnasio" da Bahia esteve no Palácio da Aclamação, sendo recebida pelo Interventor Federal, ao qual justificaram a deflagração da parede, e que se mantinham em atitude pacífica, respeitando o Governo do Estado, reivindicando apenas a supressão daquelas provas.

O chefe do Governo aconselhou a comissão a promover a ida de todas as provas, gesto que implicava em disciplina e evitava o atual ambiente em um estabelecimento, onde o Governo deverá manter e manterá a ordem, comprometendo-se o Interventor, em atenção à atitude ordeira dos "gymnasianos" a ser o advogado da causa dos mesmos, junto a União, de quem era a competência para decidir no caso.

Terminada a audiência, comprometeram-se os estudantes a volver as aulas e a não impedir que compareçam as provas aqueles que o quiserem fazer, na expectativa da ação solucionadora do Estado.

No mesmo dia, 18, o Governo divulgou nota a seguir: "O Governo faz sciente aos alumnos do Gymnasio da Bahia que amanhã, 19, continuarão as provas parciaes regulamentares, que ali se vêm realizando, não soffrendo nenhuma interrupção as aulas dos demais annos. Dará amplas garantias aos que quizerem comparecer ás provas, não permittindo a menor coacção por parte dos que se obstinaram na attitude de greve, em que se tem mantido a maioria dos alumnos. Respeitará o direito de greve pacifica, mas não admitirá que estudantes de outros estabelecimentos tentem transformar os intuitos da greve, para exploração politica."

**Terça-feira, 16 de agosto** - O "monstro da guerra", ou seja, o temível "carro de assalto", ao depois mundialmente conhecido como "tank", considerado como uma das principais armas modernas no "front", operava no Vale da Paraíba. Em plena campanha de trincheira, um soldado baiano fumava calmamente seu cachimbo, na entrada subterrânea da dita trincheira.

Na região do Túnel, a artilharia mineira fez grande estrago na tropa adversária.

Informam do Sul haver sido abatido, ali, um avião.

**Quinta-feira, 18 de agosto** - Prossegue, por parte dos federais, uma ação eficiente e conjugada, das armas de artilharia da aviação de exército leste.

**Sexta-feira, 19 de agosto** - Notícias do Rio de Janeiro davam conta de que estava sendo aguardada a chegada de cinco aviões "Waco", recentemente adquiridos pelo governo provisório.

**Domingo, 21 de agosto** - quarenta e três dias de luta ! O destacamento do coronel Christovam Silva, tomando o Morro Verde, no setor de Cruzeiro, aprisionou além do 1.º tenente Olavo Mena Barreto, vários civis. Dentre eles, estão dois advogados, Francisco e Alfredo Mesquita.

**Segunda-feira, 22 de agosto de 1932** - Troam-se na região de Bury, provavelmente a maior batalha campal da América do Sul, a qual se prolongou por um dia e meio. O governo substituiu o comandante da Aviação Militar.

As tropas paraibanas, que lutam na fronteira São Paulo-Minas, depois de intenso combate, apoderaram-se da cidade de Lindoia.

## **Parte II**

### **OPRÓBRIO, AFRONTA INFAMANTE E USURPAÇÃO**

#### **FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, NO TERREIRO DE JESUS, A HERÓICA**

**SEGUNDA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1932** – O Terreiro de Jesus foi, a 22 de agosto de 1932, cenário de deploráveis sucessos que tiveram lastimável repercussão no conceito público da Bahia.

Os ânimos estavam enfurecidos quando foi hasteada, por volta do meio-dia, uma bandeira branca, com os seguintes dizeres, expressos por letras a tinta azul: “Faculdade Livre”, e, em seguida, foi içado o Lábaro Nacional.

Na sacada da fachada principal do edificio da Faculdade de Medicina discursava vibrantemente um dos seus heróicos alunos.

A delicada e nívea areia da infinita ampulheta do tempo já estava a anunciar o crepúsculo naquelas paragens veneráveis e sagradas, quando disparos de armas curtas de fogo violentaram o ambiente em frente à catedral de paz silente, abafando os brados de ordem, grandiloqüentes e enérgicos, e protesto plenos de bravura e de intrepidez cívica, da mocidade acadêmica baiana, que fizeram do palacete da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, o seu bastião e fortaleza, a sua muralha com almeia, torreão e guarita. O fogo de fuzilaria, com tiros amiudados, resultou na morte de um ex-empregado do “Grande Hotel”, João Ferreira Santos. Foram feridas as seguintes pessoas: Julio Santiago, de "cor", de 24 anos; guarda-civil de chapa n.º 276, residente à Cidade de Palha, ferido por projétil de revólver na 3.ª falange do 4.º quirodáctilo e na região hipotenar da mão esquerda: Alcebiades Rodrigues, com escoriações e hematoma na parede posterior do hemitórax, produzidas por instrumento contundente; Ormino Peixoto, comerciante, e residente à “Pensão das Nações”, na cabeça, por bala; Candido de Oliveira, químico, industrial, 43 anos, residente ao Largo 2 de julho, em Itapagipe; João Falcão Brandão, aluno da Faculdade de Medicina da Bahia, no curso de Odontologia.

Os sucessos tomaram feição de maior severidade, porquanto era público que se tratava de agitação de causa política.

A Força Pública empregou meios para restringir o movimento no edifício da Faculdade de Medicina da Bahia, onde se encontravam professores, acadêmicos de Medicina, ginasianos e pessoas alheias ao pessoal da Faculdade.

Lá pela 5 horas da tarde, o prédio da Faculdade de Medicina da Bahia estava totalmente sitiado pela Força Pública, Bombeiros, Guarda Civil, coadjuvados, com proficiência, pelos moços da Legião Revolucionária. As entradas e saídas das ruas e ruelas das cercanias foram submetidas a controle, cerradas e interditada a afluência de pessoas e veículos no Terreiro de Jesus, antiga Praça dos Padres, ao depois Praça Conde d'Eu e, mais tarde, Praça 15 de Novembro.

O Governo tornou pública nota oficial dando conta que o edifício da Faculdade de Medicina da Bahia seria ocupado dentro de pouco tempo, ameaça que obrigou a fazer voltar à normalidade a conflituosa situação. O Interventor Federal colocou em práticas medidas outras coercivas contra as pessoas comprometidas no levante, tornando irrealizável qualquer movimento de reação.

Por volta das 10 horas da noite e sob prenúncio de ocupação militar da Faculdade de Medicina da Bahia, renderam-se os heróicos ocupantes do venerando edifício, entregando-se incondicionalmente.

Dominado o “*uprising*” cívico, o governo do Interventor Federal, Juracy Montenegro Magalhães aprisionou quantos nele se envolveram.

No dia seguinte, 23, a cidade rompeu o dia em sossego pleno, achando-se os habitantes da capital do estado da Bahia a dedicar-se à suas usuais azáfamas, tendo o Interventor iniciado rigoroso inquérito.

**Terça-feira, 23 de agosto de 1932** – O Interventor Federal levou à luz pelas gazetas a seguinte nota em derredor dos sucessos desenrolados em 22 de agosto:

“De há muito, vinha o Governo sendo informado sobre a idéia que alimentavam os remanescentes da velha politicagem perrpista da Bahia, de perturbarem a ordem pública.

Conhecia o Governo os colaboradores e os chefes inconscientes e covardes que agiam por traz das cortinas. Podia prendê-los. Sabia-os, porém, incapazes e inofensivos. Por isso, deu-lhes liberdade de ação e aguardar a oportunidade de desmascara-los perante a opinião pública baiana.”

Os fatos do dia 22 vêm confirmar o conceito em que o Governo tinha os seus adversários. A mocidade acadêmica foi o elemento fácil de exploração. Geraram um ambiente que determinou a rebeldia de parte dos acadêmicos de Medicina, que ocuparam militarmente o edifício da tradicional Escola, iniciando o motim, na esperança de adesões. Estes fracassaram, como sempre... Os que tudo prometeram nada tiveram que dar pois que nada tinham. As forças armadas, Exército e Polícia. Legião Acadêmica, Corpo de Bombeiros e Guarda Civil portaram-se com a costumeira disciplina.

O Povo Baiano, por todas as suas classes sociais, manifestou-se solidário com o Governo. Este, podendo agir pela força, disposto de todos os meios para tomar militarmente o velho edifício de nossa tradicional Escola, preferiu isola-la e aguardar que o bom senso vencesse a paixão de alguns, a boa fé de outros, deixando desmascaradas as raposas que procuram fugir às suas grandes e criminosas responsabilidades.

O Governo não deu um tiro contra os acadêmicos. Manteve a mesma atitude de tolerância e prudência que o vem caracterizando. Agirá com energia contra os verdadeiros culpados, isentando de culpa os explorados.

Para permitir a execução dos seus propósitos, os responsáveis criaram, dentro da Escola, um ambiente de mistificação fazendo supor que o Governo tinha espancado meninas do Ginásio da Bahia e outras torpes explorações.

Aplicada a punição aos verdadeiros culpados, fique este lamentável incidente como mais um exemplo para os moços, sempre iludidos, em toda a história pacífica do nosso País.

A família baiana pode ficar tranqüila, pois o Governo velará pela sua segurança, reprimindo severamente qualquer tentativa de perturbação da ordem. Todo o Estado está em completa calma. A rendição dos estudantes foi feita sem condições, tendo sido aberto inquérito rigoroso”.

**Quarta-feira, 24 de agosto de 1932** – Naquela data, o Gabinete do Interventor Federal, divulgou a seguinte nota para publicação nas gazetas:

“Com o proposito de trazer sempre esclarecida a opinião publica, o Governo vem declarar que manteve presos todos os implicados nos acontecimentos do dia 22 porque lhe cumpria apurar quaes os que agiram por um excesso de solidariedade: - estudantes, na defesa dos brios da classe, que a exploração, a mystificação os que actuavam com outras isenções, diziam offendidos pelo Governo, com os espancamentos e prisões de alumnas do Gymnasio, o que é absolutamente falso, e quaes os que agiram com objetivos politicos, tentando perturbar a ordem publica e afastar as sympathias com que tem sido honrado o atual Governo por parte da opiniãohonrado o atual Governo por parte da opinim com objetivos politicos,agiram por um excesso de solidariedade: - estudantes, na de publica sensata da Bahia.

O Governo foi scientificado por uma denuncia clara, precisa, firmada por pessoa leal ao Governo e de responsabilidade, de que elementos maus tramavam contra a ordem publica.

Houve uma reunião em Brotas, na casa de José Guimarães, funcionario do Estado, á qual compareceram o tenente Aroldo Ramos de Castro, ajudante de ordem do ex-Commandante da Região, dois tenentes ultimamente commisionados em um dos batalhões de nossa Policia, um representante dos academicos, que se dizia "leader" da classe, além de outras pessoas.

Diziam os conspiradores contar com outros elementos civis e militares, citando os nomes de alguns.

Deram conhecimento de seus planos, que envolviam a eliminação de varias autoridades e de cujos detalhes tem a Policia pleno conhecimento.

Somente o inquerito regular apurará convenientemente as responsabilidades.

O movimento devia conneçar por onde começou, isto é, por um incidente de que se encarregariam os estudantes de crear.

Estes devem ser os mais interessados em que fique convenientemente esclarecido que não coparticipariam de um motim que visava até a morte de mulhers e crianças, como também de não terem sido autores do assassinato covarde de um infeliz popular e de ferimentos desarazoados em outras pessoas.

Nunca é demais louvar a attitude serena, energica e disciplinada das forças do Governo, que tudo fizeram para evitar que corresse nas ruas da capital o sangue generoso da mocidade bahiana.

Os que não tiveram culpa irão sendo postos em liberdade, á proporção que fôr sendo apurada a sua inculpabilidade.

Opportunamente, o Governo dará conhecimentos ao publico de todos os detalhes desta trama vergonhosa".

No mesmo dia 24 de agosto, o "Comitê Pró Reorganização do Proletariado Bahiano", com o escopo de "desfazer boatos", solicitou às gazetes a publicação da nota que se segue:

"O Comitê Pró Reorganização do Proletariado Bahiano, organização composta de varias associações trabalhistas desta Capital, vem de publico declarar que nada tem a ver com o movimento occorrido nesta cidade, em 22 do corrente, entre academicos que pretendiam prestar o seu apoio ao movimento paulista.

Como tal, fica não só o publico, como as autoridades sabendo que o proletariado bahiano jamais se insurgirá contra a Dictadura, que vem trabalhando honestamente para a salvação da nossa Patria, que há 14 annos vem sendo o seu patrimonio esbulhado pelos politiqueiros insaciaveis que tudo roubava deixando o proletariado sem instrucção, sem hygiene, sem pão.

Pelo Comitê Pró Reoganização do Proletariado Bahiano: (a) Laurindo José de Sant'Anna, secretario geral".

**Sábado, 27 de agosto** - Dois navios que fugiam dos rebeldes de Óbidos foram postos a pique no Rio Amazonas.

O couraçado São Paulo faz parte da esquadra que realiza o bloqueio da costa paulista.

Uma batalha que dura quatro dias no setor de Cunha. As forças do general Waldomiro Lima, continuam em atividade no "front", avançando para o ataque.

O gabinete do interventor despachou para as gazetas a seguinte nota para publicação: - "Declaração: - Attendendo ao appello que á sua lealdade acaba de ser feito pelo sr. Interventor Federal, a Commissão encarregada pelo corpo docente da Faculdade de Medicina de se entender com S. Exa., sente-se no dever de indeclinavel de declarar o seguinte:

Quando o edificio, onde se encontravam alumnos rebellados em numero superior a quinhentos estavam na imminencia de um ataque por parte da Força Publica que então o cercava, o Governo Estadual ditou por intermedio da alludida Commissão os termos da sua intimação, a qual foi cumprida de facto, integralmente. Nessa intimação, escripta pelo proprio punho do interventor, não se falava em detenção dos alumnos por alguns momentos, e sim até que se apurassem os responsaveis, os quaes seriam conservados presos para ulterior deliberação.

Deve a Commissão acrescentar que o seu pedido foi no sentido do recolhimento da Força aos quartéis, com a livre saida dos estudantes. Isto, porém, lhe foi recusado, declarando o sr. Interventor estar deliberado a occupar militarmente, dentro do prazo fatal, o edificio da Faculdade, em virtude de acreditar articulado o movimento academico a certo levante militar, que, tivera denuncia, explodiria naquelle mesmo dia. Diante disto, viu-se a Commissão na contingencia de transmitir aos academicos as condições formuladas pelo Governo. Bahia, 26 de Agosto de 1932.

**Bahia (aa) Aristides Novis, Martagão Gesteira, Dr. Fernando Luz, Dr. Eduardo de Moraes, Estacio de Lima".**

### Parte III

#### **A VOZ ALTIMA E DESASSOMBRADA, TEMPERADA DE COMEDIMENTO E ENERGIA MORAL PERANTE O TRANSE CONFLITUOSO, DOS PARES DA DENODADA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, NO LARGO DO TERREIRO DE JESUS.**

**SEGUNDA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1932** - Muito antes do preságio do desaparecimento do sol no horizonte da cidade da Bahia, na fria quadra do ano, grande bulha de brados patrióticos dos moços acadêmicos refugiados no palecete da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, tornavam mais densa e carregada a atmosfera reinante no prédio da Escola Primaz da Medicina Brasileira e nas suas circunvizinhanças. O Terreiro, as poeirasas ruas adjacentes, as ruelas ladeiradas, a casaria que trepa pelas encostas, os sobrados carrunchentos, se achavam interditados a passeantes, quase todas despovoadas, e a viação perto de parar de toda, por conta da ação militar das forças do Interventor Federal Juracy Montenegro Magalhães. Todavia, escutava-se dos lábios da mocidade acadêmica, que ocupava, pelo levante, o edifício da Faculdade de Medicina da Bahia, tonitruantes brados cívicos, plenos de intrepidez, além de berraria arrelviada. As portadas do edifício da Faculdade de Medicina da Bahia estavam guarnecidas por tropas, armadas com mosquetões da primeira década do século XX. Os milicianos, amiudamente, cuspihavam seu catarro. Desapareceu a paz dormente das ruas e quarteirões. As pessoas, atemorizadas, não mais estavam a chalar algaraviada. A inquietante e tensa mudez augusta e espectante imperavam, violentada pelos gritos de comando dos moços rebelados. Permanciam quedos os passeadores retardatários. As *cocottes* se recolheram aos seus ninhos de amor.

No interior da provecta e egrégia Faculdade, lentes, funcionários e acadêmicos quedavam-se em conciliábulos e parolavam, nervosos na vetustez do edifício. Os amanuenses deixaram de escrever, dominados pelo estado emocional pleno de sentimento de insegurança, e não mais cavalavam a luneta no nariz. De quando em vez, moços transitavam, em passos céleres, nos imensos e vácuos corredores da velha e veneranda Instituição de Ensino Médico.

Lá pelas 2 horas da tarde, os professores da Faculdade de Medicina da Bahia se dirigiram para a sala de Congregação. Alguns de aspectos argenteados das cãs, outros de suíças néveas ou de cor de azeviche, aqueles outros de pouco espessa barba frisada. Aos poucos a vetusta sala de Congregação foi tomada pelos ilustres pares da corporação de lentes da Faculdade. Cismativos e com sobrolhos carregados, alguns trajando quinzena clara de alpaca, paletó cinzento, outros vestindo sobretudo longos de longa gola de astracã, ou capas de casemira alvadia, coletes encarnados, gravatas de "foulard", calçando sapatos abotinados de bezerro e apoiando-se em bengala de castão doirada ou de cana da Índia.

Às 2 horas e vinte e cinco minutos da segunda-feira, 22 de agosto de 1932, o muito distinto, sábio e lhano mentor da Faculdade de Medicina da Bahia, professor Aristides Novis, já assentado no seu lugar de diretor à mesa, para conduzir os trabalhos da sessão na sala de Congregação, cismativo e anediando com a palma da mão os discretos e elegantemente aparados bigodes, sobrolhos carregados. Presentes os professores catedráticos doutores Albino Arthur da Silva Leitão, Antonio do Amaral Ferrão Junior, José de Aguiar Costa Pinto, Eduardo Diniz Gonçalves, Eduardo Rodrigues de Moraes, Euvaldo Diniz Gonçalves, João Cesario de Andrade, Antonio Bastos de Freitas Borja, Joaquim Martagão Gesteira, Mario Andrea dos Santos, Fernando Luz, José Olympio da Silva, Octavio Torres, Alfredo Couto Britto, Fernando José de São Paulo, Aristides Pereira Maltez, Durval Tavares da Gama, Estacio Luiz Valente de Lima, Raphael de Menezes Silva e Armando Sampaio Tavares, além do professor em disponibilidade doutor Gonçalo Moniz Sodré de Aragão.

A sessão de Congregação foi aberta às 2 e meia horas da tarde pelo diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. Ao dar início à sessão, o Prof. Dr. Aristides Novis disse "estarem bem claras aos collegas presentes, as razões que o teriam levado a convocar, de urgencia, a Congregação. Desde, *pela manhã*, que se esforçava por accomodar os animos exaltados dos moços academicos, que a tal estado de espirito foram induzidos pelos estudantes do Gymnasio da Bahia, os quaes, desde cedo, e queixando-se de perseguições por parte da policia, reccorreram ao edificio da Escola como refugio, contra as mesmas perseguições. Evitára a imprudencia de irem á rua enfrentar a força publica, não conseguindo, porém, demovel-os daquela attitude que os seus collegas estavam a testemunhar. Infelizmente, a ordem estava sacrificada no estabelecimento, e se bem que, nenhum desrespeito tivesse soffrido, pessoalmnente, por parte de qualquer dos alumnos, a autoridade de Director sentia-se fraca para restabelecel-a. De accordo com os principios que sempre sustentou e que se acham expressos no seu discurso de abertura do anno lectivo de 1931, o remedio para a crise só seria encontrado na transposição de commando da Escola para mãos mais dexteras. Não preconiza, antes lhe repugna a adopção da força bruta para solver situações que taes. A força moral é que é a força especifica. Neste ponto de vista, o seu aviso é inflexivel. Acabava-se de submeter o caso ao pronunciamento dos Snrs. membros do Conselho Technico-Administrativo, e agora o fazia á Congregação, transferindo para o commum entendimento com seus pares a descoberta de um alvitre providencial á solução da intricada pendencia. Disposto, pois, como se sentia, a exonerar-se, valia-se do momento para traduzir aos seus companheiros de Congregação, a gratissima e commovedora impressão, da qual jamais poderá esquecer, da honrosa unanimidade do seu voto, reconhecendo-o Director da Faculdade".

Facultada a palavra, solicitou-a em primeiro lugar, o professor Eduardo Moraes. Disse "não poder falar em nome da Congregação uma vez que não havia recebido attribuições para isso, e falava no seu nome particular para manifestar, ao seu preclaro amigo Snr. Professor Director a sua solidariedade, a sua approvação e as suas congratulações pela maneira por que se havia conduzido em tão difficil solução capaz de salvaguardar o renome e as gloriosas tradições da Faculdade de Medicina. Appelava por isso para o seu espirito de sacrificio e o seu amor, varias vezes comprovado pela Faculdade no sentido de não effectivar-se a sua renuncia do cargo de Director, antes continuasse á sua frente, a prestar-lhe os serviços de que no momento tanto carecia".

Usou da palavra, em seguida, o professor Estacio de Lima: " Disse do seu apoio e solidariedade á acção do professor Aristides Novis na Directoria da Faculdade de Medicina. A sua actuação superior, brilhante e admiravel foi, por todos os titulos, impar e utilissima ao nosso grande Instituto, tanto maior quanto regeu S. Excia os destinos desta Casa, no periodo comprehendido entre duas duas revoluções as maiores da historia breailleira. Sobre o movimento academico, expressou-se no sentido de que tudo esperava do espirito de disciplina, da cultura, e da intelligencia da mocidade, á qual sempre dedicou as melhores sympathias. Que um grupo de professores - e, até agora, nenhum tiro houve felizmente - se dirigisse aos alumnos, ouvindo-os, concitando-os á concordia e á serenidade, e depois levasse ao Governador o pensamento delles e o nosso". Voltando-se para o doutor Novis que então annunciava a possibilidade da sua renuncia da Directoria "reaffirmou-lhe toda a sua admiração e inteira solidariedade, acrescentando que se os acontecimentos se agravassem, e fosse, afinal, o nosso eminente Director, levado a este gesto, não seria elle - o doutor Estacio de Lima - embora todas as sympathias que lhe possam merecer a mocidade academica, o seu amor á Faculdade, a sua affeição fraterna ao doutor Novis, á grande consideração que tem para com os collegas e sua amizade pessoal com o illustre Interventor da Bahia, não seria elle, o doutor Estacio de Lima, que iria acceitar a successão de Aristides Novis".

Falou o professor Joaquim Martagão Gesteira. Disse que "quando o professor Estacio de Lima pedio a palavra, ia justamente fazel-o. O seu collega, porem, antecipou-se e foi melhor que assim acontecesse. Melhor, porque o quanto ia dizer era exatamente aquillo que acabava de fazer o doutor Estacio de Lima com uma differença apenas: a de que S. S. o fizera com muito mais eloquencia e

expressão do que o poderia fazer o orador. Assim, tendo ouvido o professor Estacio de Lima, agora já não lhe restava a dizer senão que fazia inteiramente suas as palavras que o seu collega acabára de proferir sobre o pedido de demissão apresentado pelo professor Aristides Novis.

O professor Gonçalo Moniz pediu a palavra. " Declara antes de tudo, estar francamente ao lado da mocidade academica na defesa briosa e justa attitude, por ella assumida, adherindo a corrente, que agita toda a população brasileira - de anseios pela volta do paiz ao regimen da lei e da liberdade. Si, a respeito dessas louvaveis manifestações das classes discentes da Bahia, tal já era até então o seu sentimento, mais vivo, se tornou este após os injustificaveis actos de violencia perpetrados pela força publica contra os alumnos e alumnas do Gymnasio da Bahia, que correram a buscar amparo em edificio desta Faculdade, onde, como era de esperar, foram recebidos, de braços abertos, pelos estudantes de medicina e dos outros cursos aqui professados, os quaes lhes hypothecaram plena solidariedade. Julga, porém, digno de applausos e criterioso e humano procedimento do Exmo. Snr. Director, quando ha empregado todos os seus esforços em dissuadir os alumnos do proposito em que estão de sahir á rua encorporados, em signal de protesto pelas lamentaveis ocorrencias, - visto haver o interventor federal declarado não tolerar a realização de tal passeata, estando firme na firme resolução de, caso seja levada a effeito, dissolver-a a fuzilaria e a metralha. Inutil temeridade seria realmente exporem-se desta'arte, academicos e gymnasianos, inermes, a peito descoberto, a tão horrosa chacina. Assim pensa que todos os professores devem secundar os esforços do seu Director no sentido de acalmar os moços e convencel-os a não persistir no intento de atirar-se a tão deploravel sacrificio. Quanto, porém, a declaração de S. Excia. de que caso não fosse por elles attendido, pediria a sua exoneração do cargo de Director, por considerar que haveria, no facto, quebra da sua auctoridade moral, pede licença para discordar desse modo de ver, tomada a hypothese de modo absoluto. Entende que cabe à Directoria manter a ordem, a disciplina, o policiamnto, no ambito do edificio da Faculdade e nas suas immediatas cercanias. O praticarem os estudantes, dentro desses limites, actos não permittidos pelo Director e contrarios as prescripções regulamentares, importaria de facto, numa desobediencia ou indisciplina, numa perturbação da ordem escolar. Actos, porem, não relacionados com a vida academica, executados pelos alumnos em pontos distantes da Faculdade, estão fóra da alçada da respectiva administração. Neste caso actuam elles como cidadãos livres e não como alumnos do estabelecimento. De mais a mais, tratando-se de acto perfeitamente licito, como o do que se trata, não importaria aos que o commetteram e ao Instituto a que pertencem. Ao contrário. Assim, pois, si a classe academica, a despeito das exhortações e instancias do Snr. Director e dos demais professores, sahissem da Faculdade encorporada e fosse espingardada e maltratada pela policia em ruas ou praças da cidade, por onde passasse, nenhuma responsabilidade teria, nisso o Snr. Director, nenhuma lesão soffreria por isso, a sua autoridade moral, o seu prestigio, porquanto tudo se passaria, no caso, fóra da sua alçada e da esphera da sua jurisdicção, na realização dessa hypothese - continua Gonçalo Moniz, motivo para que o illustrado collega, que, com tanto criterio, tino administrativo e sabedoria, vem brilhante, brilhantemente dirigindo os destinos do nosso venerando Instituto - pedindo exoneração do cargo. Alias, esta sua resolução em nada alteraria as difficuldades da situação. Por mais digno dirigir esta casa que seja qualquer dos membros da sua Congregação, nenhum o é mais do que o professor Aristides Novis, e por consequente qualquer que lhe succedesse se acharia nas mesmas condições, nenhuma vantagem havendo na substituição, nenhum sendo mais capaz de que S. Excia. de continuar a associar a ordem, a disciplina, a regularidade dos trabalhos escolares e administrativos".

O professor Antonio Bastos de Freitas diz "que tem prestigiado a Directoria do Prof. Aristides Novis, porque seus actos teem sido condicionados pela cordialidade, inteligencia, e até, porque não dize-lo pelas boas normas diplomaticas. Julgava que aquelle momento exigia posições definidas, razão porque o não eximia de condenar as dittaduras e enaltecer o regimen constitucional, exercido em plena democracia. De referencia aos acontecimentos desenrolados no Gymnasio da Bahia com repercursão na Faculdade de Medicina e á attitude assumida pelos academicos, que ao seu ver não

tinha as proporções de uma rebelião contra os poderes dictatoriaes, declarava que continuaria a agir como vinha fazendo desde que chegara ao Edificio da Faculdade cerca de uma hora da tarde, aconselhando que não insistissem na idéa da passeata em desagravo aos gynasianos espancados, sendo muito prudente que se dispersassem. Sabido que todos os alumnos presentes na sede da Faculdade e muitos que ahi se não achavam eram manifestamente favoraveis á constitucionalização do pais, dirigiu-se ao digno Director indagando qual a sua attitude naquele instante tão grave para os destinos da nossa Faculdade. De sua resposta, pronta e positiva ouviram os esclarecimentos necessarios para a orientação de seu procedimento, moldado sempre nos bons principios da honra, lealdade, sinceridade e decidido patriotismo".

**Pedem a palavra os professores Euvaldo Diniz Gonçalves, Gonçalo Moniz e outros. Neste momento, ouve-se forte tiroteio em frente à Faculdade, o que occasionou ser interrompida a sessão.** Na indagação do ocorrido, verificou-se achar-se ferido à bala, na coxa, um academico, e preso pelos estudantes um guarda civil, que foi entregue pelos mesmos ao Prof. Eduardo de Moraes, á solicitação. Chegou, também, ao conhecimento da Congregação achar-se o edificio da Faculdade cercado de forças armadas. Resolveu a Congregação, por esse motivo, enviar uma commissão de professores ao palacio do Governo, para um entendimento com o Snr. Interventor Federal, ficando a mesma constituída pelos professores Joaquim Martagão Gesteira, Eduardo Rodrigues de Moraes, Fernando Luz, Estacio Luiz Valente de Lima e o Director, Professor Aristides Novis, mantendo-se a Congregação em sessão permanente. De regresso do Palacio, ao anoitecer, essa commissão, passou o Director a desobrigar-se, perante a Congregação, e mais, deante de uma commissão de alumnos, especialmente convidada a tomar conhecimento do veredicto do governo "da penosissima tarefa de que volviã incubidos. Em linguagem repassada de funda e amarga commoção, disse-lhes o Director das condições propostas pelo Interventor e consubstanciadas nestes itens: 1.º - os individuos que não pertencem á Faculdade e que aqui estivessem, seriam presos; 2.º - os que se confessassem responsaveis: a) entregando-se, seriam presos com todas as garantias; b) os que desejassem resistir, ficariam no edificio da Faculdade; 3.º - os innocentes, caso os responsaveis se apresentassem, seriam postos em liberdade, com todas as garantias. Ao mesmo passo, foi-lhes notificado que em caso de resistencia, o Interventor viria tomar as posições para ocupar, em seguida, militarmente, a Faculdade dentro em um praso fatal". Apressando-se o praso estipulado pelo Sr. Interventor para receber uma resolução, foi enviado uma delegação de professores a Palacio para solicitar de S. S. prorrogação do praso determinado. Nesse momento chega o professor Antonio do Prado Valladares que, narra o seguinte: vinha do Palácio da Aclamação onde fora solicitar ao Interventor o mandasse conduzir á Faculdade do que o impedira a força publica que fazia o cerco. Então travou-se entre o Interventor e o Professor Valladares o aspero dialogo: - Interventor: - O Snr. sabe o que vai fazer a Faculdade? - Prof. Valladares: - Sei. É o meu dever a solidariedade com os collegas que lá se acham reunidos, sem que essa minha attitude nada tenha que ver com os acontecimentos revolucionarios do Sul. - Interventor: - Pois si o Snr. tiver dignidade (sic) pegue de um fuzil e vá lutar com os seus companheiros. - Prof. Valladares: - Dignidade eu tenho, Snr. Interventor, mas esta não está presa á boca de um fuzil até porque eu nem sei atirar. Dignidade não será saber atirar, será antes saber quando se deve atirar ... e isto eu sei. O Interventor assoma-se de incontida palidez, grita, várias vezes, retire-se: faz sinal a um miliciano que leva o Prof. Valladares quase aos empurrões até ao grande portão de saida, onde lhe diz com rudeza isso ou cousa sobrevalente em grosseria: ora, vá-se ... Ouvida essa narração, do Prof. Valladares, o doutor Director, declarando interpretar o sentimento de seus pares, associou-se á magoa do Professor Prado Valladares.

Em resposta ao professor Antonio Borja e depois de agradecer-lhe as palavras iniciaes do seu discurso, diz o professor Aristides Novis que a sua attitude se achava perfeitamente definida desde as palavras com que abriu aquella mesma sessão da Congregação.

Falou o professor Fernando Luz sobre alguns pontos da reunião havida em palacio, propondo finalmente, da hypothese de vir a ser a Faculdade occupada militarmente a ficarem detidos alguns dos seus collegas, como se propalava que todos os professores tambem se entregassem a prisão em signal de protesto e de solidariedade aos mesmos.

Voltando á sala de Congregação, informou a comissão de docentes - que havia se reunido aos seus demais collegas, no salão nobre da Faculdade e lhes exposto o veredicto do Governo, que todos os estudantes haviam resolvido, nemine discrepanti, assumir a inteira responsabilidade do movimento, ao tempo em que se rendiam. Em vista deste resultado, voltou a comissão de professores a Palacio acompanhada pelo Director para volverem, dentro em poucos numeros, com a declaração do Interventor de que seriam todos os alumnos presos, após arrolamento das armas encontradas, e para cujo fim acompanhára a comissão um tenente de policia com o ajudante de ordens. O Director, ainda uma vez, com a palavra, e após haver communicado aos alumnos a resolução acima tomada pelo Governo, termina por affirmar-lhes, possuido nas mesmas e cruciantes emoções impostas pelo momento, que as dissidencias por ventura sustentadas naquelle dia entre elles e a Directoria, sentia para sempre dissipadas na dôr por que passava a sua gloriosa Faculdade, se não naquelle mesmo gesto de renuncia collectiva, de edificante belleza moral, com que todos acabavam de encampar a responsabilidade do movimento". Depois de assistirem os professores a rendição de todos os alumnos, foi encerrada a sessão ás 23 1/2 horas".

A sobredita ata foi lavrada pelo Dr. Pinto Soares, secretário e continha 34 assinaturas.

#### **Parte IV**

**SEXTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 1932 -**

**PRIMEIRA SESSÃO DE CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA APÓS OS LAMENTÁVEIS E TRÁGICOS EPISÓDIOS DE 22 DE AGOSTO**

**A COMOVENTE ATUAÇÃO DO DR. ARISTIDES MALTEZ NO SEU ÉPICO ESFORÇO PARA PROTEGER A INTEGRIDADE FÍSICA DAS CRIANÇAS QUE ESTUDAVAM NO HISTÓRICO GINÁSIO DA BAHIA E RESGUARDÁ-LAS DA TRUCULÊNCIA DA FORÇA POLICIAL**

**A PATERNAL E AFLITIVA "DEMARCHE" DO DIRETOR DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, O LHANO E INSIGNE PROF. DR. ARISTIDES NOVIS, JUNTO AO INTERVENTOR FEDERAL JURACY MAGALHÃES, PARA EVITAR A OCUPAÇÃO MILITAR DO EDIFÍCIO DA FACULDADE E RENDIÇÃO E APRISIONAMENTO DOS ESTUDANTES E PROFESSORES**

**514 ESTUDANTES DETIDOS SÃO CONDUZIDOS EM AUTO-ÔNIBUS PARA A PENITENCIÁRIA DO ESTADO. POSTERIOR PRISÃO DE ILUSTRES PROFESSORES, FORA DA FACULDADE, E ENCARCERADOS NO SOBREDITO PRESÍDIO DESTINADO À DETENÇÃO E CORREÇÃO**

Às 2 e meia horas da tarde, congregou-se os docentes da Faculdade de Medicina da Bahia, pela vez primeira após as tristíssimas ocorrências no dia 22 de agosto daquele fatídico ano, ainda chocados e marcados com o sinal infamante dos formidandos sucessos de ignomínia e extrema abjeção.

Estavam presentes os professores cathedráticos, doutores: Augusto Cezar Vianna, João Américo Garcez Fróes, Albino Arthur da Silva Leitão, Mario Carvalho da Silva Leal, Manoel Augusto Pirajá da Silva, Antonio do Amaral Ferrão Muniz, José de Aguiar Costa Pinto, Eduardo Diniz Gonçalves,

Eduardo Rodrigues de Moraes, Euvaldo Diniz Gonçalves, Joaquim Martagão Gesteira, Almir Sá Cardoso de Oliveira, Alvaro Campos de Carvalho, Mario Andréa dos Santos, Leoncio Pinto, José Olympio da Silva, Fernando Luz, Aristides Novis, Octavio Torres, Alfredo Couto Britto, Agrippino Barbosa, Aristides Pereira Maltez, Antonio Bezerra Rodrigues Lopes, Antonio Ignacio de Menezes, Estacio Luiz Valente de Lima, Raphael de Menezes Silva e Armando Sampaio Tavares; os professores em disponibilidade, doutores: José Eduiardo Freire de Carvalho Filho,, Aurelio Rodrigues Vianna, Alfredo Ferreira de Magalhães, Menandro dos Reis Meirelles Filho, Luiz Pinto de Carvalho, Adriano dos Reis Gordilho; o professor substituto doutor Augusto de Couto Maia e o representante dos livre-docentes doutor Francisco Peixoto de Magalhães Netto.

A sessão foi presidida pelo diretor interino, professor Augusto Cezar Vianna.

Verificando-se haver numero legal, foi aberta a sessão. Disse o diretor "o seu fim principal, que era dar execução ao artigo 27 e ao artigo 29, paragraphos 1 e 2 do Decreto n.º 19.851, de 11 de Abril de 1931; fazendo o Secretario, em seguida, a leitura das actas dos dias 9 de Julho e 22 de Agosto p. findos. A primeira foi approvada unanimemente. A segunda soffreu reparo do prof. Eduardo Moraes, na parte alusiva á prisão do guarda civil pelos academicos. Explicou este professor que, vendo o guarda preso pelos estudantes, pediu a estes, antes de qualquer attitude para com o mesmo, verificassem a sua culpabilidade no ferimento recebido pelo academico, no que fpoi attendido, sendo, logo depois, scientificado de haverem os proprios estudantes dado liberdade ao referido guarda.

Tambem o professor Agrippino Barbosa declarou não poder assignar a acta, em vista de nella haver referencias aos factos desenrolados no Gymnasio da Bahia, com cuja descripção se sentia em desaccordo. Assim, como Director da Instrucção foi testemunha das occurrencias ali havidas, e em que tomaram parte cerca de trezentos alumnos que se recusavam a fazer a prova parcial faquella epoca. Extendeu-se em considerações sobre o assumpto, mostrando que todo o seu esforço foi no sentido garantir a liberdade dos dissidentes que dedejavam se submeter á prova regulamentar, não considerando a medida do governo de mandar guardas civis para garantirem a ordem no estabelecimento como perseguição aos alumnos que se rebelaram. O orador foi aparteado pelos professores Fernando Luz, Pinto de Carvalho e Eduardo Diniz Gonçalves.

Ainda sobre o assumpto discutido pelo professor Agrippino Barbosa falaram os professores Aristides Maltez e Estacio de Lima.

Disse o primeiro que "como se está a lembrar os acontecimentos do Gymnasio, não pode, como professor daquella Casa como quem quem acompanhou de perto todo o ocorrido, deixar de relatar com a inteireza da verdade o que alli se passou, sem apreciar o facto da responsabilidade ou não da policia nos acontecimedntos, nem se houve por parte della perseguição aos alumnos. Estava no Gymnasio como examinador nas provas parciaes, em uma das sdalas do Pavilhão C. Ribeiro, quando vejo entrar o meu preparador o pharmaceutico Alfredo Rocha que assim me fala: Doutor Maltez as cousas já não estão boas, ha (sic) houve panaço nos estudantes e dizem que uma menina está ferida. Ao que lhe respondi: como é possível uma cousa dessas, como é que se fere uma criança? E para conhecer bem os factos coprri ao largo do Gymnasio onde os meninos em protesto seguiam um homem gordo baixo, de rosto envermelhecido pelo calor, a gottejar suor, agitando os braços e a falar, que se affastava dos grupos de meninos que de novo o rodeavam a reclamar. Um delles, com o chapéu de palha todo machucado dizia que ao livrar-se de um golpe do guarda não pudera fazel-o sem perder o chapéu. Uma menina protestava pelo insulto feito ao collega. Rompi a massa dos alumnos, fui ao homem esbaforido, que a principio me disse ser o delegado: mas que dentre logo soube tratar-se de um dos secretas, e lhe disse: Não é possível que o Snr. consinta que se esteja a maltratar as crianças que mal nenhum estão fazendo. Que falta estão a commeter? Ainda mais o Gymnasio não carece de tanta violencia para entrar em calma". O Snr. faça afastar-se aquelle

secreta que está motivando todo este movimento". Apontava assim o secreta que havia maltratado e insultado os estudantes. O homem, sem parar, a agitar os punhos, sensivelmente irritado me responde: Daqui não sae ninguem. É ordem que temos. Eu retruquei: Mas quem lhe fala é um professor do Gymnasio que pode contra os alumnos. Elle me responde: não tenho nada com os preofessores do Gymnasio, só tenho que obedecer á ordem da policia. Aqui quem manda é a policia. Neste ponto, o meu preparador, que me havia acompanhado, puxa-me pelo braço e diz: Dr. Maltez, não perca seu tempo isso é uma falta de consideração a todos nós. Não vê como está este homem? Não o escutei no entanto, e depois de muito insistir, vi que o tal secreta affastava-se um pouco, para logo rodear uma das palmeiras do largo e voltar bem para perto do Gymnasio acintosamente. Compreendi então ser inutil lidar com aquella gente e só tive em mente proteger os meninos procurando affastal-os dalli.

Procurei o tenente Hannequim com quem troquei idéas sobre o assumpto. O referido official, que ao meu ver portou-se com prudencia e delicadeza, disse que nada poderia fazer no tocante a retirada de força sem primeiro consultar o chefe de policia. Na sala Odorico Odilon reunidos eu, o doutor Correia de Menezes e o tenente Hannequim conversamos sobre a maneira de solucionar o assunto sem detrimento para nenhuma das partes. Eu aviltrei que a policia se retirasse e eu tomasse a responsabilidade de conter os alumnos: Para isso eu os recolheria ao salão Ruy Barbosa, ao tempo que a Policia se retiraria. O doutor Correia de Menezes aventou a seguinte idéa: "Bem doutor Maltez, a policia não pode ficar desmoralizada. Nesse caso vamos fazer o seguinte: os meninos saem de um lado e a policia de outro". Ao que lhe disse: "mas assim, doutor a cousa é peor, menino é menino, e fica até parecendo um (espaço em branco). O tenente Hannequim diz então: "Bom, eu vou entender-me com o chefe de policia. " Vendo inuteis os meus esforços e pensando que um grito, uma vaia, uma pedrada poderiam dar consequencias gravissimas puz-me em campo sozinho e convidei os alumnos para uma sessão no salão Ruy Barbosa. Depois de muito trabalho consegui fazel-os aos poucos entregar e pedi ao doutor Ignacio Tosta que os fosse entretendo no Salão enquanto arrebanhava os demais. Apenas umas das alumnas acompanhada pela mãe se recusara a obedecer-me, dizendo que alli havia de ficar até o fim, que não ia para a prisão.

Quando já no salão, sentado do lado do professor Ignacio Tosta e mais alguns collegas, recebo um chamado do chefe de policia que no salão Manoel Devoto me esperava e com o qual tive o seguinte dialogo: "doutor Maltez mandei chamal-o para que o doutor diga a estes meninos que a policia não se retira daqui, que muito ao contrario vou mandar buscar mais forças e prostar alli a cavallaria". Surprezo com esta ordem quando só esperava idéas de paz, eu lhe digo: "mas, capitão, acho que é preciso termos mais moderação. Os meninos já estão todos recolhidos e além do mais nós é que temos o dever de pensar pelas crianças" Ao que me respondeu: "não, doutor, hontem fallei-lhes fraternalmente, não me quizeram ouvir e portanto estou disposto a tratá-los com a maxima violencia". Diante disto compreendi nada mais ter que ouvir. Respondi: "Bem, capitão Facó, desde que é esta a ultima palavra que devo ouvir, dê-me licença porque vou dizer aos meus soldados reunidos no meu quartel general, o que penso: Nesse momento, o doutor director me diz: quaes são esses soldados, doutor Maltez? eu lhe respondi: os meninos que me esperam no salão Ruy Barbosa. Retirei-me. Longe de dizer uma só de minhas palavras da minha conferencia com o capitão Facó, procurei fallar sobre as grandes forças naturaes escravizadas á intelligencia do homem e fiz vêr que na natureza as cousas que mais nos encantam se fazem em silencio, embora as traduzam depois de maneira altissonante. Pedi-lhes, então, que em silencio se retirassem, sem um gesto só que traduzisse desrespeito, sem uma só palavra que revelasse descontentamento. E assim se elevaria no conceito da sociedade e mostraria ter grande amor a Patria. E terminei: labios trancados pelo silencio o caminho certo para a casa. Riram-se todos e todos se apartaram sem que se verificasse o menor incidente". Declarou o seguinte que: de referencia as palavras do doutor Agrippino Barbosa á sua pessôa accusações congeneres tambem chegaram. Não costuma, porém, revidar a calunia e a infamia, quando não trazem ellas endereço, nem assignatura. Não se defende, portanto a respeito. E sobre o seu collega prof. Agrippino, em companhia do qual varias vezes se defrontou com o illustre

interventor da Bahia, nunca lhe ouviu, nem percebeu, um acto só que traduzisse delação ou accusação aos seus collegas. É o que lhe cumpre, em consciencia, como homem de honra, declarar".

Encerrada a discussão da ata foi a mesma submetida à votação, sendo aprovada contra o voto do professor Agrippino Barbosa.

Pela ordem, pediu a palavra o prof. Fernando Luz, o qual "propôz um voto de profundo pezar e de saudades pelo fallecimento do eminente professor Caio Octavio Ferreira de Moura. Declarou o Director que fazia suas as palavras do prof. Fernando Luz, por isto que era seu desejo apesentar igual proposta. Achava merecer a mesma approvação unanime, dispensada a formalidade da discussão, o que foi acceito por todos.

Solicitou a palavra a palavra o professor Aristides Novis. Começou lendo o relatório "das occurrencias do dia 22 de Agosto ultimo, dirigido ao Director do Departamento Nacional do Ensino, nos seguintes termos: "Exmo. Snr. Dr. Director do Departamento Nacional do Ensino - Confirmado meu cabogramma de hoje, tenho por dever levar ao vosso conhecimento as occurrencias desenroladas nesta Faculdade, hontem, 22 do corrente, e que motivaram o collectivo pedido de renuncia de nossos cargos, pelo Director e todos os membros do Conselho Técnico e Administrativo. Procurarei, numa synthese fiél, historiar o movimento alludido desde os seus primordios. Conforme consta das actas do Conselho Technico e Administrativo, e vereis da copia que vos remetto, os estudantes declararam-se sympathicos ao movimento paulista de reconstitucionalização immediata do Paiz, desde o dia 18 do mez de Julho p. passado. Com entusiasmo, mas, dentro da mais perfeita ordem, trouxéram-me o facto ao conhecimento. Juntamente com o proposito de tornarem publicas as suas expansões, numa passeiata que então projectavam, pela cidade. Sciende de que o governo havia prohibido manifestações desta natureza, consegui com alguns professores que os academicos disstissem do seu intento, reunindo-se os mesmos novamente, á tarde desse mesmo dia, resolvendo então que a passeiata se fizesse no dia immediato.

Lógo após essa reunião, era eu procurado por um Dellegado de Policia que me dizia autorizado pelo Chefe de Policia a participar aos estudantes as disposições do Governo de reagir contra os mesmos, caso viésse á rua. Em seguida, era a minha presença solicitada junto ao Sr. Interventor, de quem ouvi confirmadas semelhantes declarações. Dirigi-me, pois a 19, lógo cêdo, para o edificio da Faculdade, onde, ao lado dos Professores Eduardo Diniz, Euvaldo Diniz e Alvaro de Carvalho, convidados pelo interventor a secundarem a minha acção, falei á mocidade, concitando-a reprimir o seu intento, a que as as circumstancias da occasião dava as côres de empreza verdadeiramente temeraria. Se a minha advertencia não lograsse attendimento, déssem-me os meus discipulos, então, curto praso para que, depondo o meu cargo, eu o visse poupado ás amargas contingencias do dia aziago que eu queria evitar. A mocidade ouviu-me, respeitosa, e prestando-me obediencia. Continuaram, porem, intervalladas, as suas manifestações pró-Constituintes. Dir-se-ha que eu devêra prohibir. Isto nunca. Dentro da ordem, não me era dado o direito de abafar o pensamento á mocidade e assim vinha ella se mantendo por mim sempre assistida nos seus incoerciveis e alvorados arroubos, jamais voltando a cuidar de qualquer manifestação de ordem externa, após o commisso que commigo e outros mestres assumiram desde o dia da passeiata frustada, a 19 de Julho.

Eis senão quando surge uma grêve dos alumnos do Gymnasio da Bahia, contra as provas parciaes. O governo, para garantir a liberdade dos dissidentes com a grêve, manda a sua força para para a porta do Gymnasio. Achava-me eu na Faculdade, na manhã de 22, quando gymnasianos de ambos os séxos, irrefravel (sic) (irrefreável) exaltação, alguns arrogantes, vão chegando aos grupos, desordenados communicando aos academicos que eles estavam sendo perseguidos pela policia, "tendo já um agente policial lesado a cabeça de um collega, á casse-tête". É facil imaginar-se o

efeito de semelhante denuncia junto ao espirito de solidariedade dos moços academicos. Revoltados, uns e outros, reúnem-se num dos amphitheatros da Faculdade, e fomam a deliberação de um desforço com a policia, na rua. Senti nesse momento a gravidade da situação. De grupo em grupo, aconselhando, pedindo calma, dialogando, por vezes, fiz a todos ver vêr os perigos a que iriam expôr as suas preciosas vidas, em luta desigual com a força publica. E, declarei-lhes, por fim: - se sahirem, fiquem certos de que darão ás costas ao ex-director da Faculdade. Obedeceram-me ainda uma vez, entregando-se o restante do dia, porém, á organização de uma resistencia inutil; porque muitas vezes inferior a que lhes poderia oppôr a força publica. Procurei, enérgico, dissuadil-os déssa attitude. Sentindo, porém, que o fazia em pura perda, convoquei o Conselho Técnico e a Congregação, afim de discutirmos uma formula capaz de pôr termo áquella situação que, com o avançar do dia, perdurava sempre. Eram 3 horas da tarde, e a Congregação discutia o caso para deliberar.

Um incidente na rua degenera um tiroteio, do qual resulta um morto e um ferido, - este, estudante, com uma bala na côxa. Já por esse tempo, sabia-se que o edificio da Faculdade achava-se cercado pelas forças do governo: não houve mais calma para nada senão para organizar - as pressas, uma commissão, que iria entender-se com o interventor Federal, sobre o delicado assumpto. Eram 17 horas. Esta commissão composta, além do Director, dos profs. Eduardo Moraes, Martagão Gesteira, Fernando Luz e Estacio de Lima, poude atravessar o bloqueio, sendo recebida no Palacio da Aclamação pelo interventor, em presença de autoridades. as primeiras palavras nossas, no sentido de uma conciliação, atalhou-nos S. Excia, considerando tardia a nossa interferencia." Já houvêra derramamento de sangue". Ademais, "tinha sciencia de uma connexão entre o movimento da Faculdade e um **complot** militar organizado para depor o seu governo".

E após exprobar o procedimento dos estudantes e de alguns professores, e recusar o alvitre que, não obstante a preliminar acima, ainda tentamos, e que seria o de mandar o governo retirar a força e dar livre sahida aos academicos, ditou as condições dentro das quaes seria a situação solucionada: Eilas: 1.º - os individuos que não pertencem á Faculdade e que lá estivessem, seriam presos; 2.º - Os que se confessassem responsaveis: a) entregando-se, seriam presos com todas as garantias; b) os que desejassem resistir ficariam no edificio da Faculdade: 3.º - os innocentes, caso os responsaveis se apresentarem, seriam postos em liberdade, com todas as garantias. Disse-nos mais o interventor: " No caso de resistencia, irei em pessoa tomar as posições para commandar o ataque, que terá por fim a occupação militar da Faculdade". Para isto, estipulou-nos um prazo, que expiraria ás 7 e meia horas da noite. O tom dado pelo Interventor ás suas palavras era peremptorio, intimativo, sem offerecer margem a quaesquer considerações outras da nossa parte.

Assim sendo, tornámos ao edificio da Faculdade, onde ante a Congregação e uma commissão de alumnos reunidas, e depois de traduzir-lhes aquella violenta disposição adoptada pelo Governo, solicitamos a mesma commissão um entendimento immediato com os demais collegas sobre as condições supra-mencionadas e apresentadas pelo interventor. E como instava o tempo, propuzémos se adiasse o prazo do ataque por mais uma hora, sendo attendidos. Não tardou muito em que a Commissão de alumnos voltasse á nossa presença para num gésto de muita dignidade, dizer-nos da resolução que todos acabavam de tomar, de se responsabilizarem collectivamente pelo movimento da Escóla, sem um só voto discrepante. Rendiam-se, assim, num edificante (espaço em branco) de integral solidariedade.

Um tenente da Policia que nos acompanhára do Palacio á Faculdade, quando vinhamos de levar ao interventor a resolução do estudante, procede ao arrolamento de algumas armas encontradas, entregando-me um recibo das mesmas. E uma serie de auto-omnibus, contractados pelo Governo, passou a conduzir, com destino á Penitenciaria do Estado, na mais acerba provação por que já passou a minha gloriosa Escóla, sua indefesa mocidade. Ao todo 514 alumnos. Mais tarde, eram detidos, fora da Faculdade, os illustres professores Euvaldo Diniz Gonçalves, Mario Andréa dos

Santos, Alvaro Campos de Carvalho, Leoncio Pinto, Eduardo Diniz Gonçalves, Mario Carvalho da Silva Leal e Adolpho Diniz Gonçalves, os dois primeiros, membros do Conselho Técnico e Administrativo.

Perturbada, assim, tão fundamente, a ordem escolar e mais do que isto, agravada a sensibilidade moral da Faculdade pela maneira por que se procurou remediar a situação creada pelos alumnos, restava-me, em obediencia aos meus principios e para o proprio decôro do nosso instituto, desligar-me, automaticamente, do cargo de seu director, renuncia em a qual me aacompanharam todos os dignos membros membros do Conselho Técnico-Administrativo. Telegraphiei neste sentido ao Exmo Snr. Ministro, na manhã de hoje, 23, solicitando-lhe indicação de meu sucessor, uma vez que a renuncia collectiva do Conselho me collocava na impossibilidade de cumprir a vigente lei do Ensino, quando confêre ao mais antigo membro dessa agremiação o poder de substituir o director. Communicou-me o Sr. Interventor, á hora da nossa entrevista em Palácio, haver proposto ao Governo da Republica o fechamento da Faculdade.

Ao retirar-me, hontem, quasi á meia noite, do seu edificio autorisei ao porteiro a ficar á disposição do Delegado de Policia, Tenente Hannequim Dantas, afim de franquear o estabelecimento, ás buscas que o mesmo, em nome do Governo me participou iria proceder. De facto, estas buscas tiveram hoje mesmo inicio. - Sentir-me-ia em falta com o mais sagrado dos meus deveres se neste mesmo officio em que vos relato as lamentaveis occurencias de hontem, não traduzio-se perante o Governo tão dignamente representado por este Departamento, a minha imperecível gratidão aos Srs. Professores que acudindo ao meu appêlo, deram numero para a sessão da congregação, auxiliando-me todos, com o seu prestigio e carinho, junto á mocidade na delicada tarefa de conter-lhes os animos exaltados assim como retemperando-me as energias conturbadas em momento tão penoso da minha administração. Outrossim, Snr. Director, quero fique bem assinalado, á credito do meu mais comovido apreço o gesto magnânimo daquelles que se conservaram a até os ultimos instantes no recinto da Faculdade, - meus nobres collegas de Congregaçãõ, alguns assistentes, o secretario, o bibliothecario e funcionarios outros, até o mais humilde, participantes que o foram, todos, dos mesmos riscos que passavam sobre a mocidade, em admiravel renuncia de si mesmos, por ella exposto abnegadamente a propria vida, presa, aquella hora de incertezas, ao azar de circunstancias impenetraveis e ingratas.

Que fique bem consignado, num preito de justiça, o conceito desfructado pelos caros collegas detidos, perante esta Directoria, e a declaração que fis ao Sr. Interventor, de que qualquer vislumbre de responsabilidade que, por acaso, se viesse a apurar, quanto a participação de qualquer delles, no movimento de 22, tido por articulada a uma subversão militar, assumiria para mim as proporções de dolorosa surpresa, tamanha é a minha convicção de que não agiriam no caso senão no sentido de pacificação dos espiritos. Rogando-vos faças chegar ao conhecimento do Exmo. Snr. Ministro da Educação o contexto deste officio, reitero ao Departamento Nacional do Ensino, ao seu emérito Director e dignos servidores, em geral, o meu particular agradecimento pelas innumeradas provas de captivante apreço trinitadas a esta Directoria, com os mais sinceros votos pela crescente prosperidade de tão importante ramo da publica administração, bem como pela felicidade pessoal de cada um de vós. Saudações attenciosas".

Em seguida passou a historiar os fatos subseqüentes ao dia 22, na forma que se segue: "AS OCURENCIAS POSTERIORES A 22 DE AGOSTO -Na mesma noite de 22 de Agosto, entendi-me pessoalmente com os collegas Euvaldo Diniz, José Olympio e Armando Tavares, e pelo telephone com os collegas Cesario de Andrade e Mario Andréa, membros do Conselho Técnico-Administrativo, a fim de obedecer ao principio legal, que manda transferir ao mais antigo a Directoria, sem que nenhum delles a quizésse aceitar, dando-me, então, a conhecer a disposição em a qual tambem se achava, de renuncia ás suas respectivas funcções. Assim sendo, enviei ao Exmo. Snr. Ministro da Educação na manhã de 23, o seguinte cabogramma: "Levo vosso

conhecimento que hontem pela manhã alumnos Faculdade Medicina occuparam seu edificio em attitude reaccionaria governo Estado Declararam-me assim proceder em solidariedade alumnos Gymnasio Bahia alli presentes dizendo-se ameaçados Policia motivos ligados provas parciais. Persistindo situação, máo grado procurar dissuadir-os proposito, convoquei urgencia Conselho Technico-Congregação afim alvitrar-se melhor maneira solucionar crise. Acompanhado alguns professores conferenciamos interventor Federal que apresentou prazo rendição estudantes, a qual se verificou, entregando-se todos prisão. Não tendo conseguido manter por mais tempo ordem Faculdade, dou por finda minha missão, solicitando-vos virtude haverem renunciado seus cargos actuaes membros Conselho Technico-Administrativo indicação meu sucessor Directoria. Agradeço-vos, penhorado fidalgas provas confiança com que honrastes minha gestão. Respeitosas saudações - Aristides Novis".

Ao diretor do Departamento Nacional do Ensino, O Prof. Dr. Aristides Novis também cabografou nos seguintes termos: "Communico-vos acabo sollicitar Sr. Ministro minha exoneração Directoria Faculdade virtude gravidade factos alliu occorridos hontem, ligados attitude reaccionaria estudantes. Agradeço-vos reiteradas provas dfe atenção honrastes minha administração. Saudações attentiosas. Aristides Novis".

E prosegue o Prof. Dr. Aristides Novis: "Ainda na manhã de 23, chegava ao nosso conhecimento a dolorosa noticia de que alguns collegas se achavam detidos policialmente, desde pela madrugada. **Medidas tomadas:** - A consternação que dominou o espirito da classe, nas horas que se seguiram ás prisões de estudantes e professores, positivou-se, nobremente, em duas memoraveis sessões levadas a effeito pelas nossas aggremações medicas, naquelle mesmo dia, no Hospital Santa Isabel e em mais outra importante reunião, na Faculdade de Medicina, na noite do dia immediato.

Na primeira sessão apos vehemente protesto lavrado pelo digno collega prof. Garcez Fróes, foi constituida uma commissão composta dos drs. Albino Leitão, Eduardo Moraes, José Olympio, Armando Tavares, Adriano Pondé, Edistio Pondé e Aristides Novis, para, em nome da classe, interceder junto ao Sr. Interventor, defendendo a liberdade daquelles que, segundo consenso geral, estavam injustamente soffrendo tão rude constrangimento. Esta commissão, á tarde do mesmo dia, se desobrigava do seu primeiro mandato, conferenciando em Palacio com o Interventor, que a recebeu em audiencia especial. E á noite, em sessão ainda uma vez presidida pelo preclaro collega Prof. Albino Leitão, dava contas á illustre e numerosa assembléa, então reunidas, das disposições daquela autoridade, e que della ouvira e lhe fora por ella prometido. Ainda esta vez, não logramos ser attendidos, qual o desejamos, com a libertação immediata dos detidos. Referiu-se o Interventor em a nossa conferencia dessa tarde, ás razões que lhe assistiam para só ordenar a soltura após o inquerito regular dos prisioneiros, certo como estava de que entre elles (de referencia aos estudantes orçou-os em mais de 90%), ao lado dos que prestavam simplesmente a sua solidariedade ao movimento de 22, encontrar-se-iam verdadeiros culpados, os co-autores de um levante, que sabia articulado a um **complot** militar urdido na Bahia para depor o seu governo, e com ligação, talvez, para fora do Estado.

Por isso, o que podia comprometter era apressar os interrogatorios, para, mais rápido, ser feita a selecção dos implicados, com prompta e plena liberdade dos demais detidos. Nesta mesma sessão foi organizada uma outra commissão para prestar aos detidos a assistencia moral e material, em nome da classe, abrindo-se para para este fim uma subscrição, a cargo do doutor Adeodato Filho.

Foi marcada outra sessão para o dia seguinte, na Faculdade de Direito, posta gentilmente á disposição da classe, pelo seu digno Director prof. Bernardino de Souza. Nesse mesmo dia, 24 de Agosto, lê-se na imprensa matutina uma declaração da interventoria, prohibindo qualquer reunião de character politico. Marcada para a noite a nossa sessão na Faculdade de Direito, e sendo muito possivel que se estivesse a deturpar os nossos intuitos, emprestando-se-lhes diversa significação,

procuramos o chefe de policia, para um entendimento a respeito. Á sua presença fomos os Professores Albino Leitão, Fernando Luz e eu. O Capitão Facó nos declarou que nada poderia resolver sem ouvir o interventor, e a espera de uma solução atravessamos o dia, até que á tarde a fomos ter, em nova conferencia com o interventor, em Palacio, favoravel aos nossos desejos, reconhecida como foi a nobre finalidade do projectado comicio. Esta commissão, a mesma da vespera, foi recebida em conjuncto com duas commissões outras, das Faculdades de Direito e Engenharia, já presentes quando esta chegara, irmanadas ambas no mesmo proposito de pugnar conosco pela cessação da pena impósta pelo governo aos nossos prezados collegas e discipulos. Que se assignalle, para conforto nosso, o gesto edificante das duas congregações amigas. De permuta de idéas então havida com o Sr. Interventor, resaltou a affirmação da sua parte, quanto aos professores, de que seriam transferidos para suas residencias onde ficariam presos sob palavra, caso se lhes não apurassem maiores culpas no inquerito em via de execução, e quanto aos alumnos de que seriam postos em liberdade, depois de lançarem as suas assinaturas num termo de responsabilidade, em o qual se declarassem alheios ao mencionado **complot** subversivo. Ao professor Leitão, que o interrogou, neste sentido, o interventor synthetisava, de forma por que ficou dito o seu pensamento.

Seriam quasi 18 horas, quando as tres commissões reunidas davam por finda sua missão. No momento da despedida, e a um appêllo que fiz ao interventor para que me deixasse revelar aos presentes uma affirmativa que elle pouco antes me fizera, de estar convencido o seu governo da leal attitude do Director da Faculdade, atalhou-me o mesmo para dizer-me ter já externado o mesmo conceito ás commissões de Direito e Engenharia, que nos haviam precedido. Fiz-lhe então sentir que se tal attitude fizesse jús como expressão moral, a qualquer premiação, que se revertesse, integralmente tal premio á sorte dos collegas e discipulos detidos pelo seu governo. E num sincero derivativo ás emoções do momento, não lhe pude esconder o quanto soffrera nos seus melindres moraes, das mãos pesadas da fatalidade naquelle triste dia - a nossa amada Faculdade.

E continuo o Prof. Dr. Arestides Novis: "Huma hora depois, antes mesmo da sessão da Faculdade, éramos conhecedores da soltura de todos os estudantes recolhidos á Penitenciaria. Isto mesmo era traduzido em brilhantes palavras pelo professor Leitão, e tambem pelo Professor Fernando Luz e pelo Docente Heitor Frões, na sessão logo após realisada. Mais tarde, no decorrer da mesma noite, eram reconduzidos aos seus lares, sob palavra, todos os nossos caros collegas. -

Uma hora antes da conferencia aprazada para Palacio, pelo interventor, recebia eu um convite do mesmo para lá ir, pois desejava me falar. O motivo, então, declarado, consistia em incitar-me a reter a Directoria da Faculdade, - conforme os desejos que lhe manifestára em telegramma, o Snr. Ministro da Educação, extensvos estes mesmos votos a todos os membros do Conselho Techico-Administrativo. De mim, como de meus dignos collegas, pois, lhe conhecia bem as disposições, autorisei, de logo, S. Excia, a transmittir ao Sr. Ministro, com os nossos agradecimentos pela honra da proposta, a firmeza dos nossos propositos de renuncia, taes os imperativos que a tantos anos levavam. Meditada, não podia comportar hesitações a nossa attitude. Ademais, havia membros do proprio Conselho presos ...

Já o illustre Director do Departamento Nacional de Ensino, Sr. Professor Aloysio de Castro, me havia telegraphado nos seguintes termos: - Off. urgente Dr. Aristides Novis. Director Faculdade Medicina Bahia "Lamentando occurrencias faço votos direcção Faculdade não se veja privada luzes illustre Professor que tão relevantes serviços tem prestado em época difficil". Assim respondi ao presente despacho: "Prof. Aloysio de Castro - Departamento Ensino - Rio - "Penhorado generosas palavras vosso telegramma sinto sejam assim tão imperativas razões determinantes meu afastamento direcção Faculdade para de outra maneira traduzir minha profunda consternação lamentaveis occurrencias. Attenciosas saudações. Aristides Novis. Director Faculdade Medicina".

No dia imediato, 25, era eu chamado ao telephone pelo interventor que me communicava um novo despacho do Sr. Ministro da Educação, solicitando-lhe a indicação do meu successor na Directoria, uma vez tornada irrevogavel a minha decisão de renuncia. Não lhe era grato entretanto, valer-se dessa autorização. Usando-a, provocaria, talvez, repro á Congregação, a quem antes, quizera acatar, ouvindo della propria a indicação do novo Director. Pensei sim convocar a congregação. Os primeiros passos, porém, dados neste sentido trouxéram-me a convicção da inutilidade da medida. Os collegas, em sua absoluta maioria, por mim e pelo meu secretario consultados, declinavam da indicação, apoiados na consideração de que, em se tratando de uma prerrogativa nossa, estatuída em lei, não deveríamos acceitar que esse direito deixasse de ser reconhecido pelos altos poderes do ensino para transfigurado em cortezia, assim nol-o ser attribuido pelo Sr. Interventor. O governo que fizesse em tal caso, o preenchimento da vaga em apreço.

Ao interventor, com quem me obrigára a uma resposta, declarei simplesmente: que era inutil a convocação alludida, porquanto consultados, individualmente, eximiam-se os meus collegas de opinar, no caso, preferiundo que o fizésse o proprio Governo. Esta resposta, fornecia eu a 26.

A 27, era-me passado o seguinte e urgente telegramma pelo emerito Director do Departamento Nacional de Ensino: - Á noite recebido. Urg. Off. Dr. Aristides Novis - Bahia. "Sciente senhor Ministro telegraphou Interventor para que appélla amigo continué prestar Faculdade Conselho, peço-lhe vem a juntar meu apêllo, acreditando seja encontrada formula permita Faculdade continuar sob tão notavel administração. Affectuosos abraços - Aloysio de Castro - Director Geral" - A 28, pela manhã, subscrevi, em resposta, o seguinte cabogramma: "Professor Aloysio de Castro. Rua Dona Marianna, 16 - Rio" Agradecendo-vos assaz sensibilizado meu nome Conselho Técnico vossas honrosas expressões, sentimos natureza occurencias nos impomha proprio decoro Faculdade, intransigencia nossa renuncia collectiva. Melhor julgareis carta vos enderecei via aérea. Saudações affectuosas. Aristides Novis". -

Decorridos alguns dias, e sem solução a minha renuncia assim me communiquei com o Departamento a 2 de Setembro. Urg. Prof. Aloysio Castro - Departamento de Ensino - Rio - "Peço-vos accuseis relatório acontecimentos Faculdade remetidos avião quarta-feira. Continuo em vista motivos expostos firme proposito renuncia. Não tendo a quem passar Directoria em vittude persistir Conselho Technico mesma attitude demissionaria, rogo-vos encarecidamente, afim evitar maiores embaraços vida administrativa Faculdade lembreis Governo sejam minhas funções transferidas outros professor segundo criterio antiguidade, até que regulamentado artigo actual no tocante preenchimento vaga director ou adoptando alvitre outro que ao governo pareça acertado, se possa considerar solucionado definitivamente assumpto. Fineza responderdes urgente. Saudações attentiosas. Aristides Novis - Director Faculdade Medicina".

No dia 5, chegava-me o seguinte despacho: Off. Urg. dr. Aristides Novis - Bahia. "Transmitti Snr. Ministro vosso relatorio bem como vosso telegramma. Affectuosas saudações - Aloysio de Castro". Máo grado a minha decisão de affastar-me da Directoria, e a expectativa em que me achava de prompta desligação do meu cargo, não me seria licito desertar o posto antes que o governo me determinasse a quem o devera passar. Assim, dispuz-me a attender a attender todo o expediente de urgencia, inclusive a folha de pagamento, do pessoal docente e administrativo, relativa ao mez de Agosto, apontada a frequencia integral dos funcionarios, não obstante interrompidos os cursos desde 22 de.

Desse meu acto, dei sciencia ao Governo, em telegramma, expedido no dia 6 ao Departamento, e aqui reproduzido: "Prof. Aloysio de Castro - Departamento de Ensino - Rio - Communico-vos autorisei pagamento integral folhas mez Agosto pessoal Faculdade não obstante terem ficado suspensos seus trabalhosa desde occurencias dia 22. Motivou tal suspensão além investigações policiaes procedidas primeiros dias, communicação me fez Sr. Interventor haver sido por elle

proposto Governo Republica fechamento Faculdade. Como até presente data nenhuma outra comunicação recebeu neste sentido Faculdade, cumpre-me scientificar-vos, tendo em vista motivos alludidos, cursos continuam suspensos.. Saudações attenciosas. Aristides Novis - Director Faculdade Medicina." -

No dia 9, tive a honra de receber o seguinte despacho do Sr. Ministro da Educação - Off. Prof. Aristedes Novis - Faculdade Medicina Bahia - Levando vosso conhecimento haver referendado neste momento decreto concedendo-vos exoneração solicitada cargo Director Faculdade Medicina, prevalecendo-me oportunidade apresentar-vos sinceros agradecimentos valiosos serviços prestados administração desse tradicional Instituto ensino. Cordiais saudações" Francisco Campos - Ministro Educação". Em resposta telegrapei: "Ministro Francisco Campos - Rio - Agradecendo-vos honrosas expressões, que endereçastes, referendando acto minha solicitada exoneração Directoria Faculdade, crede, Sr. Ministro, que as guardarei no mesmo apreço de outras attenciosas provas provas dispensastes. Minha gestão, para sempre reconhecida nosso pontual interesse causa glorioso Instituto acabo ter insigne honra dirigir". Respeitosas saudações - Aristides Novis".

Em data de 16, chegava-me pelo correio o decreto de nomeação do meu sucessôr na Directoria, o Sr. Professor Augusto Vianna. Dando-lhe, oficialmente, conhecimento do facto, pedi-lhe se dignasse indicar dia e hora em que desejava assumir as suas funções. Em resposta, annunciou-nos o recém-nomeado que ficaria no dia immediato 17, ás 14 horas. De facto, no dia e hora designados, transferia-lhe eu a direcção da nossa Faculdade, após as indispensaveis formalidades regimentais.

## **Parte V**

**PROVAS DE SOLIDARIEDADE** - "Aos meus illustres pares de congregação, devo agora transmittir os votos de solidariedade que nos dirigem amigos e collegas, no doloroso transe que soffremos, com os acontecimentos de 22 de Agosto. Elles se resumem numa mensagem, subscripta por tres nomes eminentes na politica bahiana, e em duas cartas da autoria de dois dignos collégas, documentos abaixo transcriptos, e os quaes, pelo conforto que encerram, proponho sejam insertos na acta da presente Congregação" -

**MENSAGEM** - Dr. Aristides Novis - Director da Faculdade de Medicina. " Informados agora das provações por que passa a Bahia, com a flor de suas Escólas e o escol de seu professorado perseguidos, mas encarnando, com a altivez de sempre, o seu culto á ordem e o seu amor á liberdade, nunca esmorecidos, corremos a declarar que estamos e estaremos com a grande e amada terra natal, solidarios com ella nos transe de seu soffrimento, nas repulsas do seu brio, nas expansões do seu civismo. E dirigindo a V. Excia esta mensagem pedimos seja o interprete de nossa solidariedade junto as classes que V. Excia tão dignamente representa e que tão galardamente resalvaram os fóros e as tradições de nossa terra". Pedro Lago, João Mangabeira, Simões Filho, Rio de Janeiro, Agosto de 1932.

**CARTAS.** Recife, 27 de Agosto de 1932 - Presado collega Aristides Novis "Integralmente solidario com os meus collegas de Congregação em quanto se ha passado em nossa gloriosa Faculdade, é em suas mãos que venho depor, na qualidade do nosso director, ou mesmo, que seja, nosso ex-director, o testemunho dessa perfeita solidariedade". Com prazer subcrêvo-me, collega attento e amigo, Pinto de Carvalho - Rio, 2 de Setembro de 1932.

Meu caro Aristides "Tive hontem sua carta, que precisou as noticias desconstradas aqui chegadas sobre os ultimos acontecimentos. Avalio os momentos gloriosos por que passou no transe innominavel. Meu coração de bahiano e meu sentimento de brasileiro, talvez á distância mais torturados, me identificam com a velha Faculdade onde fiz minha minha formação profissional, aprendi e ensinei, creando a alma de medico que vibra pela Patria e sente pela Humanidade. Ainda

que longe, nunca me senti tão perto da adorada Casa de Ensino, que nesta hora de amargura, mestres e discípulos soubéram honrar no destemôr e na resistencia ao lance dramático de desreipeitosa aggressão. Sua acção temperada de prudencia e coragem, provará em qualquer tempo a firmeza do commando à altura da situação . Assim á vista de todos, a tranquillidade intima chega para confortar. Excusado dizer que todos nós, todos a uma, vibramos na ansiedade com que os acompanhamos". Saudades e um forte abraço do Clementino Fraga. Quando julgar opportuno leve a Faculdade a expressão da minha solidariedade.

Pedi a palavra o professor Pinto de Carvalho. "Declarou que no momento em que escreveu a carta, ha pouco divulgada, do professor Novis, não estava inteiramente ao par do que se havia passado na Faculdade. Entretanto, logo depois, mais tarde e actualmente, vindo a saber dos acontecimentos, queria realçado que essa solidariedade também se deve estender aos seus dilectos alumnos, que tiveram a hombridade de manter a sua opinião previamente expressa. Principalmente, queria que ficasse consignado o seu aplauso e a sua solidariedade aos alumnos, pela maneira por que elles souberam se conduzir, quando, a despeito das ameaças e de tudo o que se passou, um se levantara para assumir sosinho a responsabilidade do occorrido e todos collectivamente, declararam-se responsaveis pelos acontecimentos. Tivessem ou não os alumnos razões no que faziam. Bastava, apenas, esse gesto edificante que acabavam de mostrar para merecerem os seus louvores. Evocou um trecho do discurso do prof. Alcantara Machado, da Eschóla de Direito de S. Paulo, em que diz: - eu saúdo não os meus discipulos, mas os meus mestres: nós estamos aprendendo com elles - Sentia achar-se nas mesmas condições do professor de direito, não porque estivessemos aprendendo com os exemplos de fóra, mas porque muito tivemos o que aprender com aquella demonstração. Continuando, disse que o professor Novis descreveu bem os factos desenrolados na Escóla, no dia 22 de Agosto ultimo, e que a ninguem é dado fazer posteriori um julgamento sobre o seu modo de se conduzir em tal emergencia. Em summula, o prof. Novis soube manter a dignidade da Faculdade. É por isto que não deseja passe sem um comentario, sem uma expressão de applauso, a sua maneira digna de proceder. Vinha, desse modo, apresentar aos seus pares a seguinte **MOÇÃO** - "MOÇÃO - a Congregaçãso da Faculdade de Medicina da Bahia, depois de ouvir o relato do occorrido nesta Faculdade durante o nefasto periodo por ella atravessando em dias de Agosto ultimo, relato feito pelo então director effectivo Prof. Aristides Novis, resolve prestar-lhe, a este, as suas homenagens e dar-lhe os seus applausos, pela maneira por que procurou defender, quanto possivel, a dignidade e a honra desta Casa durante o desenrolar dos factos que naquelle momento se verificaram. Em sessão, 9 de Dezembro de 1932 (a) Pinto de Carvalho".

"Disse voltar, ainda, aos acontecimentos do dia 22: quér sobressair o facto, a julgar pelos testemunhos da acta e do relato do Prof. Novis, de ter a Faculdade de Medicina da Bahia saido arranhada, talvez pela primeira vez, na sua dignidade, primeiro, por ter havido premeditação no assalto á casa expósta á ameaça das metralhadoras e á chacina; segundo porque foram conduzidos para um presidio de criminosos os seus alumnos. E como a dignidade da Faculdade, muito mais arranhada ficará se não houver um protesto, uma palavra por mais branda, por mais delicada que seja, formulou as seguintes moções, que vinha apresentar á apreciaçãode seus pares: "MOÇÃO - A Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, na sua primeira reunião depois dos tristes acontecimentos de 22 de Agosto p.p., resolve incumbir o Exmo Snr. director interino de enviar, em nome della, agradecimentos a quantos revelaram interesse, cuidado, ou solidariedade pelos credits, nome e dignidade desta Casa, representando por quantos nellas trabalhavam, docentes e discentes, por occasião dos alludidos acontecimentos, notadamente: - Directoria e Congregação da Faculdade de Direito da Bahia, Directoria e Congregação da Escola Polytechnica da Bahia; Sociedade de Medicina da Bahia, Sociedade Medica dos Hospitales, Associação Universitaria da Bahia, Instituto de Advogados da Bahia, cuja petição de habeas-corpus em favor dos professores presos deverá ficar archivada na integra na acta da sessão de hoje. Em sessão, 9 de Dezembro de 1932, (a) Pinto de Carvalho".

O professor João Fróes, com a palavra, pediu que os agradecimentos fossem extensivos aos doutores José Joaquim Seabra e Octavio Mangabeira, e que constasse da ata a seguinte a seguinte Moção que não trazia á discussão pela precedencia da do prof. Pinto de Carvalho. "Reunida hoje, pela primeira vez depois do inominavel attentado de que foi victima a Faculdade de Medicina da Bahia na noite ignominosa de 22 de Agosto do anno nefasto que cahe, quer a Congregação que se consigne na acta desta sessão o seu mais vivo protesto contra o facto consummado e assim tambem a sua solidariedade com os professores e os alumnos tão insolitamente tractados pelo poder publico na Bahia, que lhes denegou as deferencias a que sempre fizeram jús, nivelando-os com a infima ralé dos condemnados das Penitenciarias. Em sessão de Congregação, 9 de Dezembro de 1932 (a) João A., G. Fróes". O professor Raphael de Menezes Silva declarou subscrever a moção do prof. Fróes.

Pediu a palavra o prof. Mario Leal para apresentar a seguinte proposta: / " A Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, em sua primeira reunião após os acontecimentos que enluctaram o paiz, resolve inserir um voto de profundo pesar por aquelles que perderam a vida, nas trincheiras de S. Paulo, levados pelos ideaes que os animaram. Á Mocidade das escolas o preito de sua saudade e de sua admiração. Em sessão de 9 de Dezembro de 1932 (a) Mario Leal".

Obteve a palavra o prof. Estacio de Lima: "declarou-se que tendo assignado, com o maior prazer, a moção de referencia ao Prof. Aristides Novis, não o faria agora, a outros attinentes aos seus collegas e aos estudantes presos, enquanto esse gesto seu fosse interpretado como um voto de solidariedade politica ao movimento de S. Paulo, ou um ataque pessoal ao Interventor Juracy Magalhães. Costuma, prosseguiu o prof. Estacio, respeitar as opiniões alheias, como, acredita, sejam as suas respeitadas. Não foi pelo movimento revolucionario de S. Paulo porque não leu, nem ouviu o annuncio de uma constituição socialista. Socialista da esquerda. não acredita possa viver feliz o Brasil sob um regimen dextrogyro; e, além disso, é amigo leal do interventor Juracy Magalhães. Ditas estas cousas, quer frizar, continuou o Dr. Estacio de Lima, que, nas horas afflictivas, visitou os seus collegas detidos, levando-lhes o conforto moral que lhe era possivel, e do mesmo geito aos estudantes expressou estes mesmos sentimentos, traduzidos em varias dezenas de de termos de rsponsabilidade que assignou e em manifestações outras de ordem material. Assim sendo, está muito á vontade para traduzir, sem ser um de "ultima hora", as suas expressões de verdadeira e cordeal amizade a mestres e alumnos".

Submetida a aprovação as moções do prof. Pinto de Carvalho, foram todas approvadss, deixando de votá-las, o prof. Agrippino Barbosa, sendo o voto do Prof. Estacio de Lima o constante das declarações acima.

Com a palavra, agradeceu o professor Novis, aos seus colegas o conforto e o apoio que acabavam de lhe prestar.

O professor Alvaro de Carvalho, em nome de seus colegas detidos, exprimiu os agradecimentos pelo conforto moral que vinha de lhes ser dado, e que se achava consubstanciado nas moções dos professores Pinto de Carvalho e João Fróes.

Annnunciada a ordem do dia, pediu a palavra o Prof. Pinto de Carvalho. Analisando o artigo 27 do decreto n,º 19.854. de 11 de abril de 1931, mostrou a necessidade de se estabelecer o número de votos dos que se deveria compor a lista a ser enviada ao Governo, desde que não fora ainda feita a regulamentação especial de que cogita o artigo 111, do decreto acima referido.

Depois de sobre o assunto se manifestarem outros professores, resolveu a Congregação que o diretor consultasse ao Governo a respeito, adiando-se as eleições quer para diretor, quer para membros do Conselho Técnico e Administrativo.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E, para constar, foi lavrada a presente ata, assinada pelo diretor, pelos professores presentes, e pelo secretário.

(Texto manuscrito): "Aprovada unanimemente em sessão de Congregação do dia 22 de Dezembro se 1932"

35 assinaturas- Pinto Soares, secretário.

## **Parte VI**

### **VOLVIDOS DOIS E TRÊS ANOS DESDE OS NEFASTOS SUCESSOS QUE FERIRAM A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, EIS ALGUNS DEPOIMENTOS DO PROF. DR ANTONIO DO PRADO VALLADARES, DR. ARISTIDES NOVIS E DR. ALOYSIO DE CARVALHO FILHO EM DERREDOR DOS TRÁGICOS ACONTECIMENTOS DE 22 DE AGOSTO DE 1932.**

O prestigioso e destemido matutino "A BATALHA", do Rio, iniciou uma série de entrevistas pelas suas colunas com o deputado J. J. Seabra, analisando o livro intitulado *Defendendo o Meu Governo*, de autoria do Interventor Juracy Magalhães, na Bahia, vindo à luz em decorência de interpelação publicada no Diário de Notícias, edição de 9 de abril de 1934, assinada por Altamirando Requião, então jornalista, professor e deputado federal e situacionista baiano.

O dito livro foi impresso na tipografia de um irmão do tenente Ribeiro Monteiro, que era chefe da casa civil do interventor.

Perguntado a respeito da impressão do Dr. Seabra sobre o livro de Juracy Magalhães, respondeu: - "A minha opinião poderá parecer suspeita; mas a verdade é que o livro e uma defesa que não defende. E isto é muito natural, por que a minha accusação é irrespondível."

A personalidade do eminente baiano, velho e glorioso republicano J. J. Seabra foi assim sintetizada pela sobredita a "A Batalha", de 30 de outubro de 1935: o "Dr. J. J. Seabra é um homem a quem os maiores elogios e os mais ferinos insultos já não attingem, nem lhe modificam a personalidade. Naquelle eminente brasileiro, ha que se assignalar apenas a energia incommum, o espirito sempre moço, e combativo, a extraordinaria resistencia organica com que, aos oitenta annos de idade, enfrenta victoriosamente, todas as refregas politicas, e resiste aos mais duros golpes, como aquelle em consequencia do qual teve uma perna fracturada, ha tres mezes passados, continuando sempre disposto a novos embates".

### **"CRIMES CONTRAAS LIBERDADES PUBLICAS"**

No capitulo "Justiça", da "Exposição", que o senhor Juracy Magalhães apresentou ao sr. Getulio Vargas, o interventor da Bahia escreveu:

"A politica de intolerancia viria comprovar que a nova ordem de cousas não tinha no seu programma a negação dos direitos individuaes, a derrocada completa do passado, afim de erigir-se sobre seus destroços uma construcção inteiramente nova."

"Foi citando as palavras acima transcriptas, do governante bahiano, que o Dr. J. J. Seabra iniciou, hontem, a sua decima quarta entrevista a *A Batalha*, sobre a obra administrativa do sr. Juracy, para, em seguida, comentar:

- "Nunca em toda a historia politica da Bahia, o meu Estado teve um governo tão intolerante, que praticasse tanta's violencias contra as liberdades publicas. Os crimes ali commetidos pelo interventor contra a civilisação, são de molde a tornal-o um emulo de Lampeão, na vida contemporanea da Bahia. Seria\ fastidioso recordar-se aqui, um a um, todos os crimes do interventor forasteiro contra os direitos dos meus conterraneos, pois que toda a Nação já os conhece, de sobra, atravez das denuncias, que anteriormente, formulei, da tribuna da Constituinte, e no meu livro *Humilhação e Devastação da Bahia* e que culminaram no episodio de 22 de Agosto de 1932, quando o forasteiro mandou invadir a gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia e dali retirou a mocidade academica sublevada a favor da Revolução Paulista, recolhendo, então, 514 estudantes, - a fina flôr da mocidade bahiana, - aos 6 e 7, a cubiculos que estavam interdictados, como imprestaveis para guardar criminosos communs ! Só a recordação de semelhante infamia é o bastante para traçar o perfil moral do forasteiro, a quem em má hora e para opprobio da Revolução de Outubro, o senhor Getulio Vargas entregou os destinos da Bahia. E recordando:

- Houve um grande jornal de Buenos Aires, *La Prensa*, que noticiando aquelle atentado á Bahia, escreveu textualmente:

"Duvidamos da mentalidade juridica de um povo que prende professores e estudantes em Penitenciaria. Em taes casos. o povo que tem brio levanta-se e fulmina a tyrannia."

**PARECER DO PROFESSOR PRADO VALLADARES AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA GETÚLIO VARGAS, PUBLICADO NA "A TARDE", A 20 DE OUTUBRO DE 1934, COM O TÍTULO "O ESTADO VESÂNICO DO INTERVENTOR"**

**O ORATE**

" ... ... " Si o sr Juracy for de facto um homem intelligente - como apregoa a retumbancia de seus convivas e convidados, talvez a confundirem os fluores mechanicos do loquaz com os fulgores espirituaes da eloquencia - não deve estar satisfeito com o apparente desmentido que ofereceu á entrevista mais recente do illustre e venerando senhor Seabra o preclaro e veramente sabio Prof. Garcez Fróes.

Parece-me de toda evidencia que não se affirmou houvesse eu ou o Prof. Fróes examinado clinicamente o mirado capitão - perquirindo-lhe a anamnese, ou apalpando, percutindo, escutando, para tudo arrancar das manobras semioticas completas e integraes no sentido de uma diagnose e prognose tangenciaes da perfeição, nos deveres indeclinaveis do segredo medico, não nos consentiria a lingua desatada.

Parece-me de toda a evidencia que se inferiu, e com toda a logica, acredite o Prof. Fróes, e eu tambem, no desequilibrio mental do discutido capitão - pelo que eu e o Prof. Fróes temos escripto, ou profligado cathedratamente, ou conversando, sem timidias reservas, pelos corredores, sobre o tormentoso assunto.

Ora, neste patricular, entre a minha opinião e a do egregio professor destoa apenas a expressão verbal nominativa e classificante da síndrome psicopatica em julgamento.

Em face do ocorrido a 22 de Agosto de 1932, o Professor Fróes, com a bravura civica e elevada compreensão do prestigio social de sua palavra digníssima, não vaccilou em comentar, inflammado e erudito, por aqui assim: a attitude iniqua, arbitrariedade condemnavel, retorno á barbarie : o que vale duzer, na tecnologia dos alienistas, *constituição perversa, moral insanity*, dos autores ingleses.

E eu que assisti a uma das cenas mais de perto: o uivo feral, o espumejo dos labios, o esbugalho dos olhos, o braço reteso, e toda a facies-furia da promessa rasante no olhar truculento, e no desconcerto da fala, e no desalinho da postura - conjecturo, de preferencia, o mal-sagrado, ou gota-coral, epilepsia emfim, como mais de commum é chamado o estado mórbido que presumo.

Mas eu não vejo por onde, para o pobre interventor, lucre a situação organica com a formula diagnostica do conceituadissimo collega. Ao contrario. Qualquer medico, não de todo bisonho, poderia propor-se, si não a cura segura, pelo menos a melhoria da nevrose convulsiva. E ao revés disto, o mas sabio dos sabedores ha de se confessar sem armamento nem armadura ante a insanabilidade da loucura-moral - sempre, em toda parte do mundo, uma perspectiva de cadeia; e algumas vezes, em alguns paizes, uma razão patibular.

Seja como for, onde eu e o acatadidssimo mestre nos damos as mãos clinicas treinadas na experencia do officio - é em julgarmos, ambos, que o snr. Juracy -é inidoneo para o mister perarduo da governança do Estado: incapaz do auto dominio de seus nervos, como acertaria de controlar, prudentemente, os nervos de outrem ou dos outros?!

Fio da generosidade de meus conterraneos não se aja de pensar que a minha iterativa comparencia actual na imprensa politica se motive unicamente do absurdo desacato que eu soffri no salão - outrora nobre, agora lobrego - do "Aclamação".

Em verdade, eu diria que o sr. Juracy, como caso pessoal, e para mim como caso clinico, é muito mais objecto da eucaristia do meu perdão, do que sujeito para as energias reaccionaes do meu odio provocado.

Mas esse Juracy, como caso social, é de ser combatido sem treguas nem dó até a exaustão; para o renascimento cultural de nossa terra, para o soerguimento moral de nossa gente.

**Prado Valladares**

20 de Outubro de 1934

(Publicado na A Tarde)"

**"AS RETICENCIAS DE UM LIVRO"  
" OS ACONTECIMENTOS DE 22 DE AGOSTO "**

O dr. Aristides Novis, illustre professor da Faculdade de Medicina da Bahia, publicou na "*A Tarde*", edição de 31 de Julho de 1934, com o titulo e sub-titulo acima, a seguinte Carta Aberta ao ... . "Exmo Sr. Cap. Juracy Magalhães - Interventor Federal na Bahia. - Distincto Collega chamava-me há dias a attenção para o tópico do livro "Defendendo o meu Governo", em o qual V. Excia. se referindo ao movimento de 22 de Agosto na Faculdade de Medicina, e á commissão de professores que o procurou ás 17 horas daquelle dia, e da qual eu fazia parte como director, diz textualmente:

"Estranhei que somente áquella hora se se dignasse a direcção da Escola de entrar em atendimento com o Governo, quando desde 9 horas da manhã estava ella rebellada". Aguardei o regresso de V. Excia, a esta capital para articular a defesa que tal assêrto me impõe.

Quem quer que venha amanhã a reconstituir a historia da campanha constitucional na Bahia, poderá concluir do alludido topico achar-se a direcção da Faculdade solidaria com a rebellião alli occorrida. Entretanto, isto não se deu, do que me seria facil offerecer provas sobêjas, si necessario.

Mas, para que prova mais eloquente do que a declaração feita por. V. Excia. ante a commissão das Escolas Superiores, reunida em Palacio, dois dias após o movimento, de estar o Governo

convencido da lealdade do director da Faculdade até o ultimo instante de sua actuação? Se V. Excia, e o proprio Ministro da Educação me não regatearam essa justiça ao ponto de me propôrem ambos a continuação no cargo, quando, espontaneamente , eu o deixava, não é razoavel figure tal trecho, sem outro esclarecimento, em publicação de tamanha relevancia, abrindo margem, assim, á refracções no julgamento de uma attitude, devotadamente articulada á dignidade dos meus deveres funcionaes.

Ademais, V. Excia. não ignora as fortes razões que me retiveram no edificio da Faculdade durante todo aquelle negregado dia, desde as primeiras horas da manhã. A exemplo de 19 de Julho, em que, com os preclaros collegas Eduardo Diniz, Euvaldo Diniz e Alvaro de Carvalho, evitei que os moços soffressem em consequencia do seu entusiasmo pela causa de S. Paulo, desmanchando-lhes com as nossas exhortações temeraria passeata, tambem naquelle dia a minha retirada importaria em marcharem elles para a rua , onde se exporiam, fatalmente, aos previstos effeitos da reacção policial.

Como se vê, portanto, mau grado a estranheza de V.Excia., não infrigi a boa ethica, - requisito que sei dos mais comesinhos ao honesto exercicio dos cargos de confiança. Dahi, o dever em que me sinto de reajustar o assumpto á suas exactas proporções, esperando se me faça a justiça de reconhecer naquella emergencia, - unico e empolgante objectivo: - a manutenção da ordem escolar.

Nisto resumiu-se a minha actuação. Se outros effeitos ella não logrou, certo, terá ensejado á V.Excia. a ufania com que allega em seu livro "não ter derramado sangue alheio", e á mim, a intima e confortadora compensação de haver poupado á querida Faculdade, mais tristes e amargurados dias. De V. Excia. patr.º obrº. - Bahia, 31 de Julho de 1934."

Na sua décima quarta entrevista a *A Batalha*, comentou J. J. Seabra ... .. : ... e no meu livro *Humilhação e Devastação da Bahia* e que culminaram no episódio de 22 de Agosto de 1932, quando o forasteiro mandou invadir a gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia e dali retirou a mocidade academica sublevada a favor da Revolução Paulista, recolhendo, então, 514 estudantes, - a fina flôr da mocidade bahiana, - aos 6 e 7, a cubiculos da Penitenciaria , cubiculos que estavam interdictados, como imprestaveis para guardar criminosos comuns! Só a recordação de semelhante infamia é o bastante para traçar o perfil moral do forasteiro, a quem, em má hora e para opprobrio da Revolução de Outubro, o senhor Getulio Vargas entregou os destinos da Bahia. E recordando:

- Houve um grande jornal de Buenos Aires, La Prensa, que noticiando aquelle attentado á Bahia, escreveu textualmente:

"Duvidamos da mentalidade juridica de um povo que prende professores e estudantes em Penitenciaria. Em taes casos, o povo que tem brio levanta-se e fulmina a tyrannia."

### **NELSON CARNEIRO E O SEU LIVRO "22 DE AGOSTO"**

"O Snr.Nelson de Souza Carneiro assim conta, no seu livro, "22 de Agosto", o seu espancamento barbaro, nas priões da Capital bahiana: "o cabo grita, marcial, aos seus commandados: - "O que é que voces esperam?" Então, os chicotes assobiam no ar, os cannos de borracha zigzagueiam no espaço ... E só me deixam, desacordado, como um quai morto, a cabeça a arder das palmatoadas e as costas a gotejarem sangue - quando o comissario Albino Daltro Castro, a par de tudo a succeder e theatralmente industrializado, surge bradando contra "aquelle absurdo" de que elle tivera, certamente, prévio conhecimento".

## "O 22 DE AGOSTO NO LIVRO DO INTERVENTOR"

"Numa entrevista que *A Nação*, do Rio, me pediu, e *A Tarde*, aqui, transcreveu, já estudei, sob um aspecto geral, o livro de sr. interventor neste Estado, no capítulo paradoxalmente intitulado "A verdade sobre o 22 de Agosto".

Volto á materia, precisamente na data que recordará por todos os tempos a humilhação que se pensou impôr, nesta terra generosa, á flôr das suas academias e do seu magisterio superior, e de que somente seriam capazes governantes divorciados da Bahia, porque a ella estranhos, e nella alçados pela força das armas.

Vimos, por exemplo, que o snr. justificou com a *confusão do momento*, a prisão de dois professores da Faculdade de Medicina na Penitenciaria do estado. Mas esqueceu accrescentar que esses dois professores, - os srs. Adolpho Diniz e Mario Leal - só foram presos no dia seguinte, 23, aquelle, pouco antes de meio dia, em sua residencia, e o ultimo, á tarde, na Confeitaria Chile, quando se servia, calmamente, de um sorvete.

Que governo, esse, que abafa uma *intentona*, encarcerando para mais de quinhentos estudantes, e no dia seguinte ao dessa diligencia, ao seu criterio plenamente coroada de exito, ainda é presa, assim, da *confusão* ! Meditem os bahianos sobre o irrisorio dessa razão, á falta de melhores razões.

Vejamos, agora, por onde se apanha o snr. interventor no mais flagrante e escandaloso deslize de má-fé que já tenha, talvez, recommendado ao descredito publico algum escritor.

Á pag. 48 do seu livro *Humilhação e Devastação da Bahia*, escreve o snr. Seabra:

"Mas não é só. Os representantes da Congregação da Faculdade de Medicina, das Sociedades Medicas e Academicas e da Classe Medica e Academica da Bahia, reunidos em sessão nocturna a 23 de Agosto, escolheram, "para assegurar conforto moral e material aos professores e alumnos detidos", uma commissão composta dos illustres senhores Profs. Durval Gama, Heitor P. Fróes, e J. Adeodato Filho."

E continua, logo á pag. 49:

"Em um trecho do seu detalhado relatório, que tenho em mãos, diz a citada commissão:

- " Nesse momento foram narrados á Commissão, por alguns dos academicos, os vexames indescriveis e os cruéis soffrimentos por que passaram muitos d'elle, atirados, sem ar, nem luz, em cubiculos infectos e mal cheirosos, ha muito deshabitados pelos proprios presidiarios, taes as condições anti-hygienicas dos mesmos. Em varios delles não havia um só colchão, nem uma esteira ao menos, que assegurasse alguns minutos de repouso ao grupo de 6, 8 a 10 estudantes, ahi encerrados, sobre o cimento ou a lage fria, e entre as quatro paredes humildes do cubiculo! Retirou-se a Commissão, penalizada, *promettendo voltar, ainda uma vez nesse dia á Penitenciaria (o que realmente se verificou) procurando visitar em seguida os professores Adolpho Diniz, e Mario Leal* - este ultimo tenente-coronel do exercito e membro do Conselho Penitenciario! - *ambos installados numa grande sala do segundo pavimento do edificio central do predio*. A attitude dos dois professores, como a dos demais presos politicos que ahi se encontravam, (todos pessoas de representação, bem conhecidas na Bahia), era de perfeita calma, mau grado explosões de incontida indignação, confiantes todos em que haveria de ser breve apurada a chimera dos intuitos subversivos de que constava seriam accusados."

Logo a seguir, reporta-se, ainda, o snr. Seabra a esse relatório da Commissão, escrevendo á pag. 50:

"E prosegue a comissão a sua impressionante narrativa, ás paginas 8, do referido folheto:

\_ "As 14 horas, separaram-se os membros da comissão para almoçar, *dirigindo-se juntos, ás 4 da tarde, á 1.ª e á 2.ª delegacias, afim de visitar os professores ahi detidos*, a quem offereceram fructas e charutos, promptrificando-se a providenciar, de accordo com os desejos que lhe foram expressos. Na 1.ª Delegacia estava o professor Eduardo Diniz, encontrando-se na 2.ª os professores Mario Andréa, Euvaldo Diniz, Alvaro de Carvalho e Leoncio Pinto - todos regularmente accomodados e tratados com delicadeza e urbanidade pelos delegados e respectivos auxiliares."

Conclúe o snr. Seabra esse titulo reproduzindo o " demonstrativo das despesas" enquanto do annexo n.º 5, do relatorio em apreço.

Muito bem. Tudo muito claro, muito simples: a comissão, nomeada em secção noturna, de 23 de agosto, logo no dia seguinte, 24, deu cumprimento á sua missão, indo á Penitenciaria visitar os estudantes, e delles ouvindo os horrores que estão narrados, retirando-se em seguida, *com a promessa de voltar ainda uma vez nesse dia á Penitenciaria, (o que realmente se verificou) procurando visitar em seguida os professores Adolpho Diniz e Mario Leal, ambos installados numa grande sala do segundo pavimento do edificio central do predio*. A attitude dos dois professores, como a dos demais *presos politicos que ahi se encontravam* (isto é, na Penitenciaria e, entre elles, podemos destacar o advogado e jornalista Dr. Luiz Vianna Filho e o Advogado e antigo chefe de Policia, Dr. Pedro de Azevedo Gordilho), era de perfeita calma, etc.

Ás 14 horas, *separaram-se os membros da comissão, para almoçar*, e de novo se reuniram, *ás 4 horas da tarde*, quer dizer, duas horas depois, dirigindo-se, então, e juntos, *á 1.ª e á 2.ª delegacias, afim de visitar os professores ahi detidos*, (isto é, detidos na 1.ª e 2.ª delegacias). Na 1.ª estava o professor Eduardo Diniz, encontrando-se na 2.ª os professores Mario Andréa, Euvaldo Diniz, Alvaro de Carvalho e Leoncio Pinto.

Estes, portanto, foram visitados á tarde, depois das quatro horas. Os professores Adolpho Diniz e Mario Leal, presos na Penitenciaria, foram visitados, pela manhã, antes das 14 horas, e de uma segunda ida da Comissão áquelle presidio. Griphamos varios trechos, para melhor comprehensão.

Pois bem: querem vêr agora, para pasmar, como o Snr. Interventor versa, no seu livro, este ponto? A fls. 55 escreve textualmente:

"Para evidenciar o "mau tratamento" dispensado aos presos, *basta reeditar as proprias citações* do snr. Seabra de trechos do relatorio dessa *comissão*, certamente os quais mais lhe conviam: - ... *dirigindo-se juntos, ás 4 da tarde, á 1.ª e á 2.ª Delegacias, afim de visitar os professores ahi detidos*, a quem offereceram fructas e charutos, prompttificando-se a providenciar, de accordo com os desejos que lhe fossem expressos. Na 1.ª Delegacia estava o professor Eduardo Diniz, encontrando-se na 2.ª os professores Mario Andréa, Euvaldo Diniz, Alvaro de Carvalho e Leoncio Pinto - todos regularmente accomodados e tratados com delicadeza e urbanidade pelos delegados e respectivos auxiliares." E mais este outro: -

... *"procurando visitar em seguida os professores Adolpho Diniz e Mario Leal - este ultimo tenente-coronel do Exercito e membro do Conselho Penitenciario ! - ambos installados numa grande sala do segundo pavimento do edificio central do predio."*

Perceberam? Contenta-se o snr. Interventor de *reeditar as proprias palavras do snr. Seabra, de trechos do relatorio dessa Comissão*. Mas, de como as reedita, facil é vêr. Reedita-as, invertendo a ordem, com o repetir depois o que na citação do snr. Seabra vem antes, porque está antes no

relatorio. Reedita-as, alterando-lhe o sentido, como o fazer crer, pelo reeditado, que os professores Adolpho Diniz e Mario Leal estavam presos tambem nas Delegacias de Policia.

A Commissão iniciára assim certo trecho do seu relatorio, transcripto pelo snr. Seabra : *Ás 14 horas, separaram-se os membros da Commissão para almoçar, dirigindo-se juntos, ás 4 da tarde, á 1.ª e á 2.ª Delegacias. afim de visitar os professores ahi detidos, etc.* O senhor Interventor repete esse trecho, más lhe subtráhe aquella entrada, em que se falava de 14 horas e de separação para almoço, e fica substituida por pontinhos: - "... dirigindo-se, juntos, ás 4 da tarde á 1.ª e 2.ª Delegacias", etc. Quando acaba a citação, esclarece, então, reeditando outro trecho: *"E mais este outro: - " ... procurando visitar em seguida os professores Adolpho Diniz e Mario Leal, etc, ambos installados numa grande sala do segundo pavimento do edificio central do predio."* Tambem aqui a Commissão principiára assim : (vide relatorio) - *"Retirou-se a Commissão, penalizada, promettendo voltar ainda uma vez, nesse dia, á Penitenciaria, (o que realmente se verificou) procurando visitar em seguida os professores Adolpho Diniz e Mario Leal", etc.*

O snr. Interventor reincidiu em subtrahir a parte inicial, substituindo-a, tambem, por pontinhos: - *" ... procurando visitar em seguida os professores Adolpho Diniz e Mario Leal", etc.*

E aquella simples indicação - *"e mais este outro"* - dá a entender, por si só, que o trecho que vai ser citado é subsequente, proximo ou remoto, ao já citado. Vimos, porém, que, ao contrario disso, elle é muito anterior.

Pelo modo como se fez a reedição, os professores Adolpho Diniz e Mario Leal foram visitados pela Commissão em seguida aos outros professores, que estavam detidos na 1.ª e 2.ª delegacias. Mas visitados, onde? *Na grande sala do segundo pavimento do edificio central do predio*, onde amos estavam installados. Si alguém mais curioso, desejasse saber que *predio*, esse, não encontraria dificuldade: o da 1.ª e 2.ª delegacias, ou o de uma ou de outra, si em predios diversos.

Assim, o trecho do relatorio que se prende immediatamente ao em que a commissão reproduz as queixas dos estudantes presos na Penitenciaria (citação do snr. Seabra, pag. 490, apparece agora *reeditado* no livro do snr. Interventor (pag. 55) como se dependesse immediatamente do trecho em que a commissão narra a visita aos professores detidos nas delegacias de policia, trecho que lhe é muito posterior. E quem houvesse prestado attenção, linhas atrás, á confissão do snr. Interventor de prendido na Penitenciaria dois professores, mas por motivo da *confusão do momento*, sentiria agora o espirito ainda em maior confusão, sabendo de tantos professores que estiveram presos, mas presos nas Delegacias. E chegaria, talvez, a pensar que, tendo ocorrido em 22 os acontecimentos determinativos dessas prisões, e sendo a 24, depois das quatro horas da tarde, a visita dessa commissão, já aquelles dois professores estiveram transferidos para as Delegacias de Policia, porque nos primeiros instantes, e pela *confusão do momento*, ficaram recolhidos á Penitenciaria.

Ahi está a tactica engenhosa do imaginoso capitão do *Defendendo o meu governo*. Mas o que o estrategista não podia suppor era fracasso tamanho, tanto maior e imprevisito quanto no folheto original do relatorio da Commissão, o que se lê, insophismavelmente, é o seguinte: *"ambos installados numa grande sala do segundo pavimento do edificio central do Presidio"* (Pag. 7). Leram bem? *Presidio e não predio* ! Houve, na citação do senhor Seabra , um erro de revisão, e desse erro se beneficiou o snr. Interventor, ao *reeditar* a citação. Qualquer leitor intelligente teria atinado para o destempero daquelle *edificio central do predio*. Menos o leitor a quem o destempero aproveitasse.

Por esta amostra corriqueira, vê-se de como é feito o volume do Interventor. E a lição a tirar, é a de que a virtude principal em quem pretenda escrever um livro, seja elle qual fôr, e especialmente um livro de defesa, é, sem duvida nenhuma, o respeito ao publico.

*Aloysio de Carvalho Filho.*

*(Da A Tarde, de 22 de Agosto de 1934.)*

## **Parte VII**

### **FALAA "NAÇÃO" O DR. ALOYSIO FILHO**

Com a chegada ao Rio, do Capitão Juracy Magalhães, toma fóros de sensacional a entrevista que nos concedeu o Dr. Aloysio de Carvalho.

Ao Constituinte bahiano, que na assembléa se tem imposto pela luzentíssima inteligência e acendrada cultura, foi perguntado o que havia de veracidade sobre as ocorrências trágicas do dia 22 da agosto, no capítulo do livro do interventor, intitulado "A Verdade sobre o 22 de Agosto".

" - " o livro de sr. Interventor promette, nesse capítulo, a verdade dos acontecimentos, mas tudo é de uma pobreza de argumentação e de razões, simolesmente deplorável. Não haveria espaço, no seu jornal, para a demonstração disso. Vejamos, por alto.

Depois de historiar o caso da Faculdade de Medicina, passa ao relato das consequencias, como das medidas postas em pratica pela interventoria.

Por intermedio de uma commissão de professores, mandara o Governo aos Estudantes , sitiados na gloriosa escola , para que escolhessem uma das formulas seguintes: apresentação pela morte do popular (neste caso todos os outros estariam livres), ou a prisão de todos os rebellados , até a apuração das responsabilidades.

Pedi um praso a referida commissão, para se entender com os sitiados.

Algum tempo depois, regressou, dizendo que todos se confessavam responsaveis, preferindo ser presos a deixarem que alguns companheiros apenas fossem responsabilizados."

Não contava o governo, isto sim, com a hombridade desta resposta. Os moços bahianos, desde a tarde, entricheirados na Faculdade, cercada pelas tropas, não distinguiram entre elles, quaes as cabeças.

- Todos se declaravam responsaveis. Então, indaga, ingenuamente, o sr. Interventor: "Onde prender cerca de 500 pessoas, com a necessaria segurança? Apenas a Penitenciaria satisfazia a esta necessidade (pg. 53).

- "Mas, continua o sr. Juracy: "não houve, digo-o com a maior sinceridade, o mais leve proposito de humilhar os vencidos."

Não houve proposito de humilhar os vencidos, mas os vencidos, logo chegados á Penitenciaria, foram enfileirados, contados, revistados e, depois,

empilhados , aos magotes de dez e doze em cubiculos de ha muito interdictados pela Saude Publica, por infectos e inhabitaveis.

- Talvez por offerecerem maior segurança, apesar de infectos.

- Sobre esse ponto, o livro silencia. Entanto, não houve o proposito de humilhar. Insiste o escriptor, que o governo attendeu ao appelo da commissão, para só prender os professores mais implicados, depois que chegassem esses ás suas residencias. Mas foi peor. Não relata o livro as circunstancias verdadeiramente humilhantes em que esses professores, dos mais illustres da Bahia, foram presos,

arrancados de suas residencias, pela madrugada afora, e depois de a ellas recolhidos, com surpresa e sobressaltos de suas fammílias... Delles, - affirma o livro - "apenas dois foram para a Penitenciaria, na confusão do momento". Apega-se, assim, o governo, á confusão do momento, para justificar a prisão de dois professores de medicina, accusados de crime politico, na Penitenciaria. Ali, necessidade de segurança. Aqui, culpa da confusão. Tudo, como se vê, pueril. Porque o sr. Juracy Magalhães esquece de dizer que um desses dois professores, - o Dr. Mario Leal, por signal membro do Conselho Penitenciario, foi preso na tarde do dia seguinte ao desta noite, quando já estava o governo, senhor, naturalmente, da situação, para não mais se desculpar das suas violencias, com a confusão.

"Dois dias depois eram todos postos em liberdade, ficando impune o crime", - continua o livro.

Parece, assim, que houve generosidade do vencedor, em não punir os vencidos. Mas o historiador do *Defendendo o meu governo* esqueceu, ainda aqui, de contar que nomeou o então promotor da Justiça Militar na Bahia, Dr. Roberto Hescet, para presidir o inquerito que apurava as responsabilidades. E que este inquerito começou no dia seguinte, na Penitenciaria, somente não continuando porque os estudantes que a elle respondiam, souberam, com a força do seu idealismo e da sua intelligencia, envolvê-lo em tal ridiculo, que o governo, já então refeito da confusão, achou melhor não prosseguir ...

Está é que é a verdade. Vê-se assim que a interventoria bahiana confirma as violencias do 22 de Agosto, motivando-as ao seu modo, e procurando justificá-las com a fantasia de um movimento concertado entre outras pessoas, e de cuja explosão os estudantes seriam os provocadores por meios de arruaças".

#### **DEPOIMENTO DA PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MARIA JULIETA DINIZ GONÇALVES COSTA, DILETA FILHA DO INSIGNE PROFESSOR DOUTOR ADOLPHO DINIZ GONÇALVES**

Diplomou-se em Farmacia, no ano de 1915, aos dezenove anos de idade, pela Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus; graduou-se em Medicina pela mesma Faculdade, em 1923, sustentando a tese inaugural "Reações gerais das proteínas", tendo como examinadores os lentes Amaral Muniz, Bezerra Lopes e Josino Cotias; em 1926, é aprovado em concurso para a cadeira de Química Analítica, defendendo tese versando sobre "Teoria da Dissociação Eletrolítica", e ao depois, foi diretor da Faculdade de Farmácia da Universidade da Bahia.

Inaugurou, em 1919, o primeiro laboratório particular, o "Curso do Dr Diniz", onde estudaram várias gerações de moços para o vestibular à Faculdade de Medicina da Bahia, o qual funcionou na Rua do Gravatá, n.º 7; Rua Alfredo Barros, n.º 1 e Rua Gabriel Soares, n.º 2.

" A Interventoria dominava o país, o que nunca foi aceito pelo Dr. Adolpho Diniz, Democrata a toda prova, torna-se um "leader" a favor da Campanha Constitucionalista de São Paulo. Passados dois anos, em 1932, ainda não tinha sido convocada a Assembléia Constituinte. Em sua agenda de desse mesmo ano pode-se ler : 9/6/1932 - "rebenta em São Paulo um movimento armado em prol da Constituinte".

A Bahia manifesta-se a favor de São Paulo num movimento idealista de democracia e liberdade. Nesta mesma agenda meu pai anota, com data de 22/8/ 1932 -

"os estudantes na Faculdade de Medicina da Bahia em um gesto digno, levantam-se com armas na mão contra a ditadura nefasta, em prol da Constituinte".

Ainda continuando ele escreve. "à noite, ante a ameaça do Interventor que iria ocupar militarmente a Faculdade por não terem chegado adesões, tanto professores como alunos rendem-se considerando-se presos; às 11:00 h da noite os alunos são transferidos em "marinetes" para a Penitenciária do Estado e os professores com a liberdade de irem para casa e daí alguns serem presos".

Ainda na mesma agenda: 23/8/1932 - "às 11 1/2 da manhã chegam a minha residencia à rua do Gabriel 2, dois agentes de polícia que me convidam para ir à presença do capitão chefe de policia: de automóvel segui em companhia dos dois agentes para a Penitenciária do Estado, onde fiquei detido".

Data de 24/8/ 1932 - " às 11 1/2 da noite, o capitão chefe de polícia manda-me para casa. Acompanharam-me até a minha residência os Drs. Aristides Novis, Diretor da Faculdade de Medicina e Albino Leitão".

25/8/1932 - "verdadeira romaria tem-se feito `minha casa: alunos, professores, amigos, curiosos etc, a fim de trazerem sua solidariedade.

Assim é o que está escrito em suas agendas, o que eu gostava mesmo era de ouvi-lo, viva voz, com dignidade, coerência, intransigencia, para no final dizer com aquele seu orgulho tão natural: "foi tudo muito solene, minha filha".

"... Vários membros da nossa família foram detidos. O primo Emílio Diniz foi deportado para o Pará numa 3.<sup>a</sup> classe e Renato, o primo irmão, ginasião nesta época, passou uma noite na Penitenciária, juntamente com outros colegas do Ginásio da Bahia, dos irmãos e primos. Foram detidos numa cela, um cubículo que já havia sido interdito pela saúde pública. Relativo a esse fato, meu pai contava que ao entrar na penitenciária, o Renato ia saindo, ouvindo dele o recado para mamãe: "meu filho, diga a sua tia onde estou". Ele contava este episódio com lágrimas nos olhos, emocionado me dizia: "o Renato estava pálido e isto me doeu muito, tinha fome pois havia passado a noite com os companheiros a bolachão e água".

" ... Ainda se comentava que talvez o motivo da detenção do meu pai tenha sido porque numa sessão na Faculdade de Medicina, sendo ele o Presidente e também orador, assim como vários estudantes que se pronunciaram : Emilio Diniz, pela Faculdade de Medicina e mais os Acadêmicos: Aloysio Netto, de Direito; Hermes Tavares, Pedro Bomfim e Syndoro Souza , de Engenharia. Finalizando a Assembléia, meu pai pede aos presentes, com entusiasmo, que façam uma visita ao Senhor do Bomfim, que estava na Catedral Basílica, pela vitória de São Paulo, culminando com a vitória das forças federais.

A parte absurda e cômica é que diziam que papai como químico, tinha preparado um líquido que bastava uma gota para liquidar um batalhão.

Precursor da bomba atômica meu velho, não temos dúvida.

Meu pai continuava a combater a ditadura. Lembro que todo o dia 22 de agosto ele suspendia a aula, fazendo uma pequena preleção cívica em defesa da Faculdade de Medicina. A propósito, li na sua agenda datada de 22 de agosto de 1950: "lembro aos meus estudantes na Faculdade, o 22 de agosto".

**INTERVENTOR JURACY MAGALHÃES - 19-9- 1931 a 10-1-1935**

Juracy Montenegro Magalhães, cearense, nascido em Fortaleza, a 4 de agosto de 1905. 20.º Governador da Bahia, Tenente de Exército, era um dos chefes do Movimento Revolucionário de 1930, ao lado de Juarez Távora, Agildo Barata, Tenente Jurandir Mamede e outros mais.

Foi indicado para o posto de Interventor na Bahia, empossando-se em 19 de setembro de 1931, cargo que exerceu até 25 de abril de 1935, quando foi eleito governador pela assembléia Constituinte.

#### **SECRETARIADO:**

INTERIOR, JUSTIÇA, INSTRUÇÃO, SAÚDE E ASSISTÊNCIA PÚBLICA - Aluizio Henrique de Barros Pôrto , depois Arthur Berenguer; AGRICULTURA, INDÚSTRIA, COMÉRCIO, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS - Álvaro Navarro Ramos; SEGURANÇA PÚBLICA - João Facó; FAZENDA E TESOUREIRO DO ESTADO - Manoel Matos Corrêa de Menezes; depois Gileno Amado; DIRETOR DE INSTRUÇÃO - Isaias Alves de Almeida; DIRETOR DE SAÚDE PÚBLICA - Professor Agrippino Barbosa; SECRETÁRIO DA IUNTERVENTORIA - Tenente Joaquim Ribeiro Monteiro; ASSISTENTE MILITAR - Tenente Hannequim Dantas; OFICIAIS DE GABINETE - Eduardo Bizarria Mamede e Manoel Novaes; PREFEITO DA CAPITAL - Arnaldo Pimenta da Cunha, ao depois substituído pelo Engenheiro José Americano da Costa.

#### **FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA - 1931-1932**

Director - Prof. Dr. Aristides Novis

Vice-Dierctor - Prof. Dr. José Olympio a Silva

Secretário - Dr. José Pinto Soares Filho

PROFESSORES CATHEDRATICOS

DOUTORES

MATERIAS QUE LECIONAM

Alvaro Campos de Carvalho

Physica

Antonio do Amaral Ferrão Muniz

Chimica Geral e Mineral

Euvaldo Diniz Gonsalves

Chmica Organica e Biológica

Masnoel Augusto Pirajá da Silva

Biologia Geral e Parasitologia

Eduardo Diniz Gonsalves

Anatomia Humana (1.ª cadeira)

Raphael de Menezes Silva

Anatomia Humana (2.ª cadeira)

Mario Andréa dos Santos

Histologia

Aristides Novis

Physiologia (1.<sup>a</sup> cadeira)

Sabino Silva

Physiologia (2.<sup>a</sup> cadeira)

Augusto Cesar Vianna

Microbiologia

Antonio Bezerra Rodrigues Lopes

Pharmacologia

Octavio Torres

Pathologia Geral

Leoncio Pinto Anathomia

Pathologica

Edgard Rêgo dos Santos

Pathologia Cirurgica

Fernando José de São Paulo

Therapeutica

Antonio do Prado Valladares

Clinica Medica e Proprdeutica

Antonio Ignacio de Menezes

Medicina Operatoria

Agrippino Barbosa

Pathologia Medica

Fernando Luz

Clinica Cirurgica (1.<sup>a</sup> cadeira)

Caio Octavio Ferreira de Moura

Clinica Cirurgica (2.<sup>a</sup> cadeira)

Antonio Bastos de Freitas Borja

Clinica Cirurgica (3.<sup>a</sup> cadeira)

José Aguiar Costa Pinto

Hygiene

Estacio Valente de Lima

Medicina Legal

José Olympio da Silva

Clinica Medica (1.<sup>a</sup> cadeira)

Armando Sampaio Tavares

Clinica Medica (2.<sup>a</sup> cadeira)

Almir Sá Cardoso de Oliveira

Clinica Obstetrica

Aristides Pereira Maltez

Clinica Gynecologica

Alfredo Couto Britto

Clinica Neuriatrica

Joaquim Martagão Gesteira

Clinica Pediatrica

Mario Carvalho da Silva Leal

Clinica Psychiatrica

Durval Tavares da Gama

Clinica Cirurgica Infantil e Orthopedica

Albino Arthur da Silva Leitão

Clinica Dermatologica e Syphiligraphica

Eduardo Rofrigues de Moraes

Clinica Oto-rhino- laryngologica

João Cezario de Andrade

Clinica ophtalmologica

João Americo Garcez Fróes

Medicina Tropical

## **PROFESSORES EM DISPONIBILIDADE**

Dr. Sebastião Cardoso

Dr. José Rodrigues da Costa Doria

Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira

Dr. Aurelio Rodrigues Vianna

Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães

Dr. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão

Dr. Luiz Pinto de Carvalho

Dr. Adriano dos Reis Gordilho

Dr. Menandro dos Reis Meireles Filho

Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Filho

## **PROFESSORES SUBSTITUTOS**

Dr. Augusto de Couto Maia

Microbiologia

Dr. Flaviano Innocencio da Silva

Clinica Dermatologica e syphiligraphica

## **PROFESSORES HONORARIOS**

Dr. Juliano Moreira

Dr. Thiago de Almeida

Dr. Carlos Chagas

## **FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

### **1 - BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA - SEÇÃO DE PERIÓDICOS**

- DIARIO DA BAHIA - TERÇA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 1932

- DIARIO DA BAHIA - TERÇA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 1932

- DIARIO DA BAHIA - QUARTA-FEIRA, 27 DE JULHO DE 1932

- DIARIO DA BAHIA - SABBADO, 30 DE JULHO DE 1932

- DIARIO DE NOTICIAS, QUARTA-FEIRA, 17 DE AGOSTO

- DIARIO DE NOTICIAS - SEXTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1932

- O IMPARCIAL - DOMINGO, 14 DE AGOSTO DE 1932

- DIARIO DE NOTICIAS - SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1932

- DIARIO DE NOTICIAS -TERÇA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 1932
- A TARDE - QUARTA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 1932
- DIARIO DE NOTÍCIAS - QUARTA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 1932
- DIARIO DE NOTICIAS - SEXTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1932
- O IMPARCIAL - SEXTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1932
- DIARIO - DOMINGO, 21 DE AGOSTO DE 1932
- DIARIO DE NOTICIAS - TERÇA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 1932
- O IMPARCIAL - QUINTA-FEIRA - 25 DE AGOSTO DE 1932
- DIARIO DE NOTICIAS - SABBADO, 27 DE AGOSTO DE 1932
- DIARIO NDE NOTICIAS - SABBADO, 27 DE AGOSTO DE 1932

## **2. ARQUIVO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA /UFBA - MEMORIAL DA MEDICINA BRASILEIRA, NO TERREIRO DE JESUS**

- "LIVRO DE ACTAS DAS SESSÕES DE CONGREGAÇÃO FA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA" - "SESSÃO REALISADA EM 22 DE AGOSTO DE 1932" - "DACTILOGRAFADAS" - (PERÍODO DE 1931-1932) FOLHAS NÃO NUMERADAS. - SEM DOCUMENTOS, MOÇÕES, PROPOSTAS, ETC ANEXADAS.

A) ANO DE 1932 - 22 DE AGOSTO - 9 FLS..

B) ANO DE 1932 - 9 DE DEZEMBRO - 25 FLS, COM ANEXOS.

## **3. LIVROS**

- SEABRA JJ. IN: ESFOLA DE UM MENTIROSO, RIO DE JANEIRO, P. 13;15-16;297-299;321-323;325-331;335-337, 1936.

- COSTA, JDGM. IN: BIOGRAFIA / MEU PAI / CENTENÁRIO DE NASCIMENTO / 1896-1996. 1.ª EDIÇÃO, PRESS COLOR GRÁFICOS ESPECIALIZADOS LTDA: SALVADOR, P. 55-58, 1996.